



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

FRANCIDALVA LEONARDO DA SILVA DOMINGOS

**GRAMÁTICA E ENSINO: UMA ANÁLISE DO ESTUDO E DO USO DOS VERBOS
NO 2º ANO DO ENSINO MÉDIO**

CAJAZEIRAS - PB

2017

FRANCIDALVA LEONARDO DA SILVA DOMINGOS

**GRAMÁTICA E ENSINO: UMA ANÁLISE DO ESTUDO E DO USO DOS VERBOS
NO 2º ANO DO ENSINO MÉDIO**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa, do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras - como requisito de avaliação para obtenção do título de licenciado em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Nazareth de Lima Arrais

**CAJAZEIRAS - PB
2017**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

D671g Domingos, Francidalva Leonardo da Silva.
Gramática e ensino: uma análise do estudo e do uso dos verbos no 2º ano do ensino médio / Francidalva Leonardo da Silva Domingos. - Cajazeiras, 2017.
83f.: il.
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Nazareth de Lima Arrais.
Monografia (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) UFCG/CFP, 2017.

1. Português - Gramática. 2. Verbo - uso. 3. Ensino médio. 4. Gramática - ensino. I. Arrais, Maria Nazareth de Lima. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS CDU - 81'36=134.6

FRANCIDALVA LEONARDO DA SILVA DOMINGOS

**GRAMÁTICA E ENSINO: UMA ANÁLISE DO ESTUDO E DO USO DOS VERBOS
NO 2º ANO DO ENSINO MÉDIO**

Monografia apresentada ao Curso de Letras – Licenciatura em Língua Portuguesa da Unidade Acadêmica de Letras do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande.

Aprovado em: 30/08/2017

BANCA EXAMINADORA

Maria Nazareth de Lima Arrais

Prof.ª Dra. Maria Nazareth de Lima Arrais (Orientadora)
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

Danielle Maria Vieira dos Santos

Prof.ª Esp. Danielle Maria Vieira dos Santos (Membro)
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

Abdoral Inácio da Silva

Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva (Membro)
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

A meu filho Silas, razão do meu amor e carinho e que suportou mesmo sem entender as minhas ausências nos momentos mais importantes de sua pequena infância. A fonte de inspiração para os dias que pensei em desistir, julgando não ser capaz de conseguir finalizar essa tarefa árdua, realizar um sonho, abdicando das mais belas emoções da maternidade e de momentos que jamais viverei outra vez.

A meu esposo Samuel, pelo incentivo, carinho e paciência, apoiando-me para vencer todas as etapas dessa conquista, e que, me ajudou nas horas mais difíceis dessa trajetória acadêmica.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela dádiva da vida a mim concedida, pela saúde e pela coragem de buscar o conhecimento para realização dos meus projetos de vida.

A minha orientadora, Dr.^a Maria Nazareth de Lima Arrais, por acreditar em meu trabalho, pelo apoio constante, por seus ensinamentos e por todas as contribuições decisivas para conclusão deste trabalho.

Aos meus pais Francisco e Lindalva, sinônimo de todos os valores que adquiri; que primaram pelos estudos e pela educação na minha vida e que me guiaram a superar os obstáculos, motivando-me ao sucesso.

Aos meus irmãos, Francival e Lucas, que sempre estiveram presentes neste percurso, me encorajando a conseguir esta conquista.

Ao meu filho Silas, por ser a luz de todos os dias da minha vida, a quem eu dedico todo o meu amor.

Ao meu esposo, Samuel Domingos, pela compreensão, amor e companheirismo, pelo apoio nos momentos difíceis, me oferecendo a força necessária para persistir e seguir em frente, mesmo diante de tantas dificuldades.

Ao professor Abdoral Inácio da Silva e à professora Danielle Maria Vieira dos Santos, por aceitarem participar da banca de defesa do meu trabalho.

À Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, por me proporcionar a formação no curso de Letras- Língua Portuguesa, possibilitando espaço para me preparar efetivamente para exercer a profissão que tanto almejei.

A todos os meus professores do curso de Letras- Língua Portuguesa, que foram tão importantes na minha vida acadêmica, peças valiosas que me ajudaram a vencer as etapas deste Curso.

A toda equipe do projeto de Monitoria da UFCG, que me possibilitou um espaço de aprendizagem, no que diz respeito às disciplinas de Língua Latina I e II, e Sintaxe da Língua Portuguesa I, e que contribuíram, significativamente, no aprimoramento de minha formação acadêmica. Aos professores que me conduziram nesta atividade e aos colegas com quem compartilhei conhecimentos.

A toda equipe do projeto Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID) – Letras- Língua portuguesa UFCG, por quem tenho profunda gratidão, pelo acolhimento, e pela grandeza do projeto em minha vida, possibilitando-me conhecer o espaço escolar, especialmente a sala de aula, o que contribuiu para me ensinar como é ser

professora. A todos os coordenadores, supervisores e alunos que me acompanharam nesse projeto incentivador.

A minha turma, pelos bons momentos vividos, pelo companheirismo, pela colaboração, pelo prazer de partilharmos conhecimentos e, especialmente, pelas amizades conquistadas durante esses cinco anos que passamos juntos.

Ao casal Lucilene e Ivanildo pelo carinho e amizade e pelas palavras de incentivo.

A todos que contribuíram de maneira direta ou indireta para a construção deste trabalho e para minha formação.

A todos, muito obrigada!

Cabe ao professor, de acordo com as necessidades e possibilidades do aluno, saber o que ensinar, como ensinar e quando ensinar, mas tudo é preciso ensinar.

(ALMEIDA, 2005, p. 5)

RESUMO

Nas aulas de Língua Portuguesa, especificamente no que respeita à abordagem da gramática, o aluno aprende sobre o sistema de funcionamento da língua, exercitando-se também para falar, escrever e ler de forma adequada às diversas situações sociais. Nessa direção, esta pesquisa tem como objetivo geral de analisar a abordagem dos verbos em aulas do 2º ano do ensino médio em comparação com a abordagem teórica estruturalista e com as práticas reais no universo da sala de aula. Para tal execução, discorreremos sobre a morfologia dos verbos; observarmos aulas sobre verbo no 2º ano do ensino médio; e descrevermos a abordagem e o uso dos verbos nas aulas observadas. Utilizamos como aporte teórico a perspectiva *estruturalista* de Camara Júnior (2011), articulando-a com a prática do ensino de verbos no contexto escolar, com as orientações dos documentos oficiais, bem como nossa experiência como estudante e docente em formação. Esta pesquisa se caracteriza por ser etnográfica, uma vez que manteve relação direta com os sujeitos sociais no meio de atuação deles. Participaram da pesquisa 33 alunos e o professor ministrante das aulas. Foram observadas um total de 07 horas aulas, entre as quais selecionamos 03 aulas para análise. Da análise do estudo do verbo, constatamos que a abordagem docente seguiu os critérios estabelecidos por Camara Júnior de forma, função e sentido, predominando os critérios formais e semânticos; que o uso, por sua vez, apresentou a variação entre os níveis formal e informal no que respeita à fonologia, no entanto, prevaleceu a flexão adequada dos verbos em concordância com o sujeito.

Palavras-chave: Ensino. Gramática. Verbo. Uso.

ABSTRACT

In Portuguese classes, specifically when it comes to the approach of grammar, the student learns about how the language system works, practicing also to speak, read and write adequately for different social situations. Following this path, this paper aims to analyze the approach of verbs in classes of the 2nd year of high school compared to the structuralist theoretical approach and to the real practices in the range of classroom. For such, we discourse about the morphology of verbs; we observe classes about verbs on the 2nd year of high school; and we describe the approach and the use of verbs in the observed classes. As a theoretical basis, we use the *structuralist* perspective of Camara Júnior (2011), articulating it with the practice of teaching verbs on a school context, with the orientations of official documents, and as well as our experience as student and teacher in formation. The research is classified as ethnographic, once it has direct relationship to the social subjects in their activities. A corpus of 33 students and the teacher who was teaching the classes participated on the research. A total of 7 lesson hours was observed, and from them 3 were chosen for analysis. From the analysis of the verb study, we observe that the teaching approach followed the criteria established by Camara Júnior of form, function and meaning, with formal and semantic criteria prevailing; that the use, in turn, presented the variation between the formal and informal levels regarding phonology, however, the adequate flexion of verbs matching the subject predominated.

Keywords: Teaching. Grammar. Verb. Use.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Verbos regulares e irregulares da 2 ^a conjugação.....	23
Quadro 2 -	Conjugações verbais.....	24
Quadro 3 -	Representação dos Morfemas Verbais	31
Quadro 4 -	Siglas para os modos e tempos.....	27
Quadro 5 -	Normas para transcrições das aulas	34

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEP	Comitê de Ética e Pesquisa
CFP	Centro de Formação de Professores
EEMFL	Escola Estadual Filgueiras Lima
EJA	Educação de Jovens e Adultos
OCEN	Orientações Curriculares para o Ensino Médio
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFCG	Universidade Federal de Campina Grande

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	O TRADICIONALISMO E AS NOVAS PRÁTICAS DE ENSINO	16
2.1	CONCEPÇÕES DE GRAMÁTICA	16
2.2	O VERBO NO CONTEXTO DO ENSINO MÉDIO	17
2.3	OS VERBOS NAS PRÁTICAS SOCIAIS	19
3	A CLASSE DOS VERBOS EM CAMARA JÚNIOR	21
3.1	PRECEITOS VERBAIS	21
3.1.1	Verbos regulares e irregulares.....	21
3.1.2	Os paradigmas	24
3.1.3	A estrutura dos verbos e o Padrão Geral	28
3.1.4	O desvio e as Especialidades do verbo	29
3.1.5	Forma, função e sentido	29
4	METODOLOGIA	32
5	ANÁLISE DAS AULAS	37
5.1	O ESTUDO DO VERBO	37
5.2	O USO DO VERBO	54
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
	REFERÊNCIAS	61
	APÊNDICES	63
	APÊNDICE A – FICHA DE OBSERVAÇÃO	64
	ANEXOS	65
	ANEXO -A: TRANSCRIÇÃO DAS AULAS	66
	ANEXO -B: PARECER CONSUBSTANCIADO	82

1 INTRODUÇÃO

Nas aulas de Língua Portuguesa, o aluno aprende um pouco mais sobre o sistema de funcionamento da língua, exercitando-se também para o falar, escrever e ler de forma adequada às diversas situações sociais. Para tanto, um dos focos é dos recursos linguísticos.

Nesse sentido, muitas discussões foram e são levantadas, e a questão maior nesse quadro é como deve ser o ensino de gramática na escola. Salientamos que não existe apenas uma concepção de gramática, nem apenas um tipo de gramática, o que possibilita ao professor(a) mediador(a) do conhecimento um processo de escolha de concepção gramatical que vai priorizar em suas aulas.

Nesse direcionamento, os estudos de Travaglia (2009) apresentam-nos três concepções de gramática; a primeira “*gramática como manual de regras*”, que dita normas para falar e escrever bem, não admitindo variação da língua culta padrão, isso porque as normas de bom uso da língua repudiam as características da forma oral da língua. A segunda concepção é a de “*gramática descritiva*” que revela o oposto daquela, pois seu objetivo é fazer uma descrição da estrutura e do funcionamento da língua, na qual a relevância se encontra nas regras de construções reais de enunciados produzidos pelos falantes. A gramática descritiva também é preditiva, quando demonstra a aceitação das formas possíveis de se dizer algo. Uma terceira concepção de gramática é a “*gramática internalizada*” determinada como um conjunto de normas que o falante aprendeu na comunidade discursiva a qual faz parte e lança mão ao falar. Esta é a gramática comum aos falantes, uma vez que é a que conhecemos mesmo antes de chegarmos à escola.

Contudo, a concepção abordada em muitas salas de aula parece ainda ser a tradicional ou normativa, uma vez que, é a gramática que serve de parâmetro para a elaboração dos livros didáticos. Isso porque preserva o padrão linguístico de nossa língua. Sobre esse ponto, Bagno (2000) explica que não é a gramática que necessita de uma língua para descrevê-la e estudá-la, mas a língua que carece de uma “gramática normativa” para organizar e assegurar o padrão linguístico homogêneo.

Muito embora, a proposta das Orientações Curriculares para o Ensino Médio – OCEM (2008) seja ensinar gramática através dos gêneros textuais, essa orientação, na maioria das vezes, é ignorada pelos professores(as) e substituída por um ensino que “privilegia” uma gramática normativista. O ensino de gramática, muitas vezes, é apresentado de forma descontextualizada, o que possibilita ao estudante decorar regras gramaticais para explicá-las.

Esse modelo de ensino de gramática fragmentado pode refletir em uma aprendizagem insatisfatória, em todas as modalidades encontradas na gramática, especialmente nas classes de palavras, sobretudo os verbos que sofrem múltiplas flexões.

Os verbos é uma classe de palavras variável, considerada extensa por existir uma infinidade de formas verbais. Os verbos apresentam elementos de formação como radical, vogal temática e desinências que indicam pessoa, número, tempo, modo e aspecto; expressam ação, estado ou fenômeno da natureza; situam-se no tempo em relação ao momento da fala, e, na oração, exercem a função de núcleo. O estudo dessa classe é notavelmente complexo, uma vez que, para todas as suas flexões, há subcategorias de estudo.

A complexidade e a rigidez das regras que acompanham os verbos fazem com que os(as) professores(as) encontrem dificuldades no ensino/aprendizagem dessa classe e foquem, nas suas aulas, apenas a parte teórica com práticas repetitivas, mecanizadas, optando por um estudo de memorização dos verbos e de seus aspectos. Diante das dificuldades que são vivenciadas pelos docentes de língua materna em promover uma melhor compreensão sobre o estudo dos verbos, entendemos o quanto é necessário (re)pensar práticas de ensino que proporcionem uma maior dinamicidade nas aulas, e que assim contribuam para uma aprendizagem mais significativa construída pelo aluno.

Com base nessas inquietações, nosso questionamento de pesquisa é: de que maneira é proposto o estudo dos verbos na sala de aula? E qual a relação desse estudo dessa classe com o uso real no universo da sala de aula? Partimos do pressuposto de que a prática do ensino dos verbos na sala de aula do 2º ano do Ensino Médio acontece ainda de forma mecanizada com predominância teórica concentrada nos aspectos de flexão, identificação e denominação. Além disso, pensamos que a relação entre o ensino e o uso dos verbos parece distante da realidade do aluno, já que o professor encontra dificuldade em elaborar atividades sobre emprego dos verbos em situações reais de uso.

Na intenção de responder ao questionamento de pesquisa, a investigação tem como objetivo geral analisar a abordagem dos verbos em aulas do 2º ano do ensino médio em comparação com a abordagem teórica estruturalista e com as práticas reais no universo da sala de aula. Para tal consecução, nos propomos a: discorrer sobre a morfologia dos verbos; observar aulas sobre verbo no 2º ano do ensino médio; e descrever a abordagem e o uso dos verbos nas aulas observadas.

Para tanto, utilizamos como aporte teórico a perspectiva *estruturalista* de Camara Júnior (2011), articulando-a com a prática do ensino de verbos no contexto escolar, com as

orientações dos documentos oficiais, bem como nossa experiência como estudante e docente em formação.

Esta pesquisa se caracteriza por ser etnográfica, uma vez que manteve relação direta com os sujeitos sociais no meio de atuação deles. Investigamos a prática do professor de Língua Portuguesa, ao ministrar o conteúdo da classe verbal, junto a 33 alunos do 2º ano - Ensino Médio, da Escola Estadual Filgueiras Lima (EEFL), do município de Lavras da Mangabeira-Ce. Ao tempo em que observávamos as aulas, utilizamos inicialmente como instrumento de pesquisa uma ficha de observação, que foi elaborada a partir da base teórica, para verificarmos se o docente aplica os critérios definidos por Camara Júnior.

Esta pesquisa se justifica por considerarmos que é por meio dos verbos que compreendemos as diversas circunstâncias comunicativas de que fazemos parte, pois esta classe constitui a base da oração, ou seja, é em torno do verbo que todas as palavras se organizam para a construção da oração, e é também através do uso do verbo que o falante se situa em relação ao outro, estabelecendo relação temporal com a realidade.

Além disso, este trabalho se justifica ainda por querer contribuir para uma melhor compreensão do estudo do verbo e, conseqüentemente, para uma prática pedagógica a ser utilizada em sala de aula, em que apresente uma aprendizagem mais significativa para o aluno.

Este texto está organizado em seis capítulos: no primeiro, apresentamos a classe verbal; o objetivo geral e os específicos; antecipamos pontos da metodologia utilizada; e justificamos a realização da pesquisa como relevante para a prática pedagógica da língua portuguesa.

O segundo Capítulo apresenta uma discursão sobre *Ensino e Gramática*, apresentando *O tradicionalismo e as novas práticas de ensino* que abre a discursão dos temas; as *Concepções de gramática*; *O verbo no ensino médio e nos documentos oficiais*; e *Os verbos nas práticas sociais (gêneros)*, demonstrando como acontece o ensino de gramática, especialmente ao que se refere à classe verbal.

Para o terceiro Capítulo, propomos a discorrer sobre a classe verbal em Camara Júnior, contendo os seguintes temas: *Preceitos verbais*; *Verbos regulares e irregulares*; *Os paradigmas*; *A estrutura dos verbos e o padrão geral*; *O desvio e os específicos*; *As especialidades do verbo e Forma, função e sentido*.

No quarto capítulo, expomos a metodologia que esclarece as características dessa pesquisa e descreve o espaço da pesquisa, os sujeitos investigados, o instrumento de investigação, os critérios de análise, bem como os detalhes da observação desse estudo.

Quanto ao quinto capítulo, *Análise das aulas*, apresentamos os pontos principais sobre a proposta de ensino adotada pelo professor que ministrou as aulas observadas, bem como o uso da classe verbal por ambos os sujeitos colaboradores, aluno e professor, durante os eventos de aula.

Finalizando os elementos textuais, expomos as considerações finais, em que elencamos os resultados da pesquisa e certificamos os objetivos nesse proposto. Ainda apontamos sucintas sugestões sobre o ensino de verbos nas escolas, visando à união entre teoria e prática, na intenção de que o estudo dos verbos seja mais produtivo.

2 O TRADICIONALISMO E AS NOVAS PRÁTICAS DE ENSINO

Este capítulo traz, de forma breve, as concepções de gramática que podem ser usadas pelo professor em sala de aula, bem como a ideia de que os verbos podem ser trabalhados a partir de gêneros textuais, já que se trata de uma classe gramatical indispensável no uso da linguagem.

2.1 CONCEPÇÕES DE GRAMÁTICA

Não existe apenas uma concepção de gramática, nem apenas um tipo de gramática, o que possibilita ao professor(a) mediador(a) do conhecimento um processo de escolha de concepção gramatical que vai adotar em suas aulas. (TRAVAGLIA, 2009).

Os estudos de Travaglia (2009) apresentam-nos três concepções de gramática; a primeira seria a “*gramática como manual com regras de bom uso da língua*”, que impõe normas para o falar e escrever “corretamente”. Nesta concepção, não se admite variações linguísticas, considerando como única variedade da língua a norma culta padrão, como aponta o autor:

A língua é só a variedade dita padrão ou culta e que todas as outras formas de uso da língua são desvios, erros, deformações, degenerações da língua e que, por isso, a variedade dita padrão deve ser seguida por todos os cidadãos falantes dessa língua para não contribuir com a degeneração da língua de seu país. (TRAVAGLIA, 2009, p. 24).

Nesse sentido, a concepção descrita acima demonstra que apenas a variedade padrão, considerada também norma culta, é a única forma “correta” presente em nossa língua. Sendo assim, todas as demais variações existentes na língua são julgadas como formas “erradas” repudiando as características intrínsecas a linguagem oral. Esta percepção de *gramática* é a mais conhecida entre a maioria dos professores e alunos de língua portuguesa. Trata-se, aqui, de uma concepção tradicional de linguagem, já muito discutida em vários espaços de educação como a mais improdutiva, considerando o preconceito que cultiva em relação à gramática da língua portuguesa.

O segundo conceito é o de “*gramática descritiva*” que revela o oposto da concepção anterior, pois seu objetivo é fazer uma descrição estrutural e funcional da língua, na qual a relevância se encontra nas regras de construções reais de enunciados produzidos pelos falantes. Demonstra aceitação das formas possíveis de se dizer algo na língua, ou seja, preza não só a variante padrão, mas também o conjunto de variedades de uso dos falantes da língua; logo, “a gramática será então tudo o que atende às regras de funcionamento da língua de acordo com determinada variedade linguística.” (TRAVAGLIA, 2009, p. 27). Nesse caso, não é verificada a noção de “certo” e “errado” da língua, não discriminando as formas de dizer dos falantes da língua. Trata-se de uma concepção que se insere numa proposta do estudo sincrônico da língua, de natureza descritiva e preditiva.

A terceira concepção é compreendida como uma “*gramática internalizada*” mantendo relação de interação direta entre o indivíduo e a comunidade discursiva na qual ele está inserido. Segundo Travaglia (2009, p. 28),

[...] é aquela que, considerando a língua como um conjunto de variedades utilizadas por uma sociedade de acordo com o exigido pela situação de interação comunicativa em que o usuário da língua está engajado, percebe a gramática como um conjunto das regras que o falante de fato aprendeu e das quais lança mão ao falar.

Esse conceito mostra-nos que essa concepção corresponde à competência internalizada do falante, a bagagem linguística que o indivíduo traz consigo ao logo de sua trajetória percebida em suas próprias atividades comunicativas linguísticas. Nessa concepção, a ideia é que o falante, mesmo sem consciência da gramática, emprega com proficiência as regras.

2.2 O VERBO NO CONTEXTO DO ENSINO MÉDIO

Na modalidade de ensino médio pressupõe-se que o aluno já disponha de um preparo cognitivo de informações sobre língua materna, visto que durante o ensino infantil e fundamental estudou uma série de conteúdos linguísticos e outros aspectos da linguagem, na disciplina de Língua portuguesa, como infere os PCN (1998) do ensino fundamental, ao descrever que o ensino de português pressupõe o desenvolvimento de “[...] quatro habilidades linguísticas básicas: falar, escutar, ler e escrever [...] organizados em torno de dois eixos

básicos: o uso da língua oral e escrita e a análise e reflexão sobre a língua”. (PCN, 1998, p. 44).

Embora já um pouco atrasado, uma vez que a competência comunicativa vai além do falar, escutar, ler e escrever compreendemos que sinaliza para o estudo da competência gramatical ou linguística que guarda, em seu bojo, o estudo dos verbos, uma vez que este é um elemento da língua.

Nesse sentido, o ensino médio seria então uma etapa de aperfeiçoamento dos conhecimentos adquiridos durante os anos anteriores a ela como destaca as Orientações Curriculares para o Ensino Médio pautando que:

[...] essa fase de estudos pode ser compreendida como o período de consolidação e aprofundamento de muitos dos conhecimentos construídos ao longo do ensino fundamental. Espera-se, portanto, dessa etapa de formação o desenvolvimento de capacidades que possibilitem ao estudante: (i) avançar em níveis mais complexos de estudos. (OCEM, 2006, p. 17).

Salienta-se que o nível de estudo possibilite ao alunado um aprimoramento nas proficiências de leitura, escrita, bem como de fala e escuta. Através de práticas de ensino que explorem o contexto real de uso da língua, utilizando-se, portanto, dos gêneros textuais que contemplam o propósito principal de ensino que é, segundo as OCEM (2006, p. 36), “[...] o processo de produção de sentido para os textos”.

Partindo desse propósito, de aguçar as habilidades, direcionando-se para o que se refere ao estudo das palavras, mais precisamente, para o verbo, subentende-se que a análise linguística deve ser feita, abarcando todos os aspectos a ele atribuído de forma, função e sentido, sobretudo sua função nos textos e no contexto dos textos, levando em conta a relação deste com os sujeitos e com os determinantes sociais que interagem no texto. (ALDRIGUE, 2009).

Logo, é tempo de se trabalhar a sintaxe, uma vez que os alunos fazem uso de melhor preparo e domínio verbal, também considerando como pressuposto de aprofundamento de estudo da classe. E, portanto, como sujeitos inseridos em práticas sociais, sugerimos que o verbo seja abordado no contexto que vai dito na discussão seguinte.

2.3 OS VERBOS NAS PRÁTICAS SOCIAIS

O verbo está presente em todos os eventos de linguagem, considerando que é a base de construção da oração, e, portanto, o termo essencial da oração. É por este viés que mencionamos nessa discussão, sem pretensão de aprofundamento, a ideia de que, quando se propõe o estudo dos verbos a partir das práticas sociais, não podemos deixar de considerar os gêneros textuais que nos inserem essas práticas.

Os gêneros textuais hoje são o objeto de ensino fundamental nas aulas de língua portuguesa, tendo em vista que estes são ferramentas que facilitam o trabalho com as competências de leitura, escrita e compreensão, oferecendo conseqüentemente, uma base de análise linguística.

Sabendo da relevância dos gêneros textuais para o ensino de língua, muitos estudos foram realizados sobre o uso desses textos em sala de aula. Bakhtin, um dos autores que marcam o ponto de partida para o estudo dos gêneros e referências nas OCEM, faz a seguinte colocação sobre os gêneros textuais:

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana [...]. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada esfera, não só por seu conteúdo temático, e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais – mais também, e sobretudo, por sua construção composicional. Assim sendo, todos os nossos enunciados se baseiam em formas-padrão e relativamente estáveis de estruturação de um todo. (BAKHTIN, 2003, p. 301).

Segundo o autor, o enunciado é a unidade concreta e real da comunicação discursiva. As atividades humanas não acontecem de maneira acidental, nem também desordenada; os enunciados produzidos refletem as condições particulares e os objetivos de cada uma dessas esferas, não apenas por seu conteúdo. Nesse sentido, os diferentes meios sociais contêm os gêneros discursivos, sem os quais não seria possível a comunicação verbal.

Já para Marcuschi (2002), conceitua gêneros textuais da seguinte forma:

Gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados a cultura e social. Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia a dia. São entidades sócio-discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa. [...], os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa. (MARCUSCHI, 2002, p. 19).

Nesta conceituação sobre gêneros, o autor destaca que são resultados de um trabalho coletivo de entidades sociodiscursivas e formas de ação social. Para autor, os gêneros são maleáveis, dinâmicos e plásticos. Essa plasticidade evidencia-se pelo predomínio da função sobre a forma. Destaca também que os gêneros surgem, situam-se e integram-se, funcionalmente, nas culturas, bem como na relação com inovações tecnológicas se mostrando evidente pela quantidade de gêneros textuais na sociedade atual quando comparado com as sociedades anteriores quando ainda não existia a escrita.

Marcuschi (2002) ressalta como características principais dos gêneros a princípio suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais e como segundo plano suas peculiaridades linguísticas e estruturais.

Mesmo que as “peculiaridades linguísticas” sejam tradas em último plano, segundo Antunes (2009), ainda na concepção de gêneros textuais, as regras gramaticais assumiriam seu valor funcional, pois seriam estudadas de acordo com as especificidades de cada gênero. Como exemplo, a autora cita a classe verbal, tratando de suas variações modais e temporais, explica que as mudanças provocadas pelo uso adquirem mais sentido quando abordados do ponto de vista da exigência de determinado gêneros, quer seja do tipo narrativo, descritivo ou expositivo. (ANTUNES, 2009).

É, portanto, nesse contexto, que acreditamos ser importante a breve menção que fizemos sobre os gêneros textuais para a discussão que propomos aqui: se estão nas práticas sociais de linguagem e estas não se efetivam sem o uso do verbo, como base da oração, então se faz relevante para o estudo dessa classe gramatical em sala de aula, onde, certamente, está o uso no discurso que constrói conhecimento e como conhecimento a ser construído.

Seguimos, na seção seguinte, com a abordagem dos verbos baseada em teorias largamente discutidas, como a estruturalista de base Mattosiana.

3 A CLASSE DOS VERBOS EM CAMARA JÚNIOR

3.1 PRECEITOS VERBAIS

Este capítulo é destinado a como Camara Júnior (2011) caracteriza os verbos regulares e irregulares dentro da língua portuguesa, verificando assim, os primeiros traços que diferenciam os vocábulos verbais, bem como os elementos que colaboram para as subdivisões da classe gramatical dos verbos, trabalhando assim, os paradigmas. Em seguida, neste mesmo capítulo, traremos discussões sobre o que venha a ser, na perspectiva do autor, o padrão geral, os específicos e as especialidades. Por fim, outro ponto deste capítulo é sobre a forma, função e sentido da classe verbal.

3.1.1 Verbos regulares e irregulares

A complexidade dos verbos atenta-nos a um estudo fragmentado por partes que vão se aprofundando, mas sempre partindo do nível simples para o mais complexo. A sessão, *A flexão verbal* de Camara Júnior (2011), compreende os elementos da variedade verbal, na qual o autor mostra em um jogo de “oposição” à possibilidade de regularidade e irregularidade na classe. Para a regularidade dos verbos em Português, é considerada uma parte em sua forma que se define imutável, o radical composto por um morfema lexical junto ou não de um morfema derivacional, e é o que dá ao verbo o significado vocabular. Em termos gerais, isso ocorre na estrutura da maioria dos verbos da língua portuguesa, como afirma o autor: “no padrão geral dos verbos portugueses o radical é uma parte invariável. Constituído de um morfema lexical, acrescido, ou não, de um ou mais morfemas derivacionais, e ele nos dá a significação lexical, permanente, do verbo”. (CAMARA JÚNIOR, 2011, p. 104).

A invariabilidade no radical de um verbo o caracteriza como sendo um verbo “regular”, independente de sua terminação verbal de infinitivo. Entre outros aspectos, os verbos que se opõem a esta regra são classificados como verbos “irregulares” da língua portuguesa, logo apresentam mudança na parte significativa lexical do verbo.

O autor explica:

[...] ditos irregulares em que certas partes de algumas “terminações” se afastam do modelo considerado regular e em que (o que ainda é mais

relevante) o radical deixa de ser invariável e apresenta mudanças. Aí, as nossas gramáticas apenas enumeram os verbos, que interpretam (nem sempre acertadamente) como irregulares, em ordem alfabética, seriando as formas temporais de cada um. Com isso passam despercebidas importantes realidades de ordem estrutural, cujo conhecimento tornaria mais compreensíveis as formas irregulares e *ipso facto* muito mais fácil aprendê-las. Acresce que a falta de análise leva a redundâncias de exposição e a considerar irregulares muita coisa que está no padrão geral, e, uma vez adquirido este, ficou em princípio sabida. (CAMARA JÚNIOR, 1972 *apud* SALUM, 2007, p. 19, grifo do autor).

Na citação acima, o autor enfatiza a possibilidade de variação no radical, a característica primeira para denominação de verbos irregulares. Estes, então, seriam interpretados e selecionados pela gramática alfabética e temporalmente, considerando-os, assim, de forma prolixa, desprezando vestígios da forma padrão conservada por estes, uma vez que nem todas as formas conjugadas sofrem alterações em todos os tempos ou em todos os modos. De certa maneira, os chamados verbos irregulares podem preservar em algumas de suas subclasses o radical ou os seus sufixos flexionais, já conhecidos e estudados nos verbos que seguem um padrão, os regulares.

A relação de contraste entre os radicais de ambos os tipos de verbos é evidente, mas, quanto aos irregulares, Camara Júnior (2011) nos explica que estes apresentam alguma regularidade, ainda que contenham, em sua estrutura, imperfeições em seus radicais, isso porque são propensos a uma normalização em seu grupo de verbos irregulares da língua, definindo-os como aqueles que devem “[...] ser entendido como um desvio do padrão geral morfológico, que não deixa de ser ‘regular’, no sentido de que é suscetível a uma padronização também”. (CAMARA JÚNIOR, 2011, p. 111).

Nas gramáticas tradicionais, observamos a classificação dos verbos em regulares e irregulares, frisando a questão de seus radicais como sendo, justamente, a principal diferença entre os tipos de verbos. Entretanto a relação de regularidade fica, permanentemente, voltada para os verbos regulares já que os mesmos seguem um modelo fixo que não apresentam variação. Enquanto nos irregulares é presente a mutação entre seus radicais, e as variações não são distribuídas de forma igual em todos os verbos. Pois, se para um verbo a mudança no radical acontece logo no presente do indicativo, outro verbo também classificado como irregular apresentará a primeira variação em seu radical apenas no pretérito perfeito do indicativo. Esse fato afasta o conceito de regularidade e irregularidade verbal e abre espaço apenas para a definição de verbos regulares e verbos irregulares.

Veja um exemplo de verbos regulares e irregulares no modo indicativo e nos tempos presente e pretérito imperfeito na obra *Moderna Gramática Portuguesa* (2006) do autor Evanildo Bechara.

Quadro 1 - Verbos regulares e irregulares da 2^a conjugação

MODO INDICATIVO dos verbos VENDER / DIZER / QUERER					
Presente	Pret. Perfeito	Presente	Pret. Perfeito	Presente	Pret. Perfeito
Radical	Radical	Radical	Radical	Radical	Radical
Vend - o	Vend - i	Diz - o	Diss - e	Quer - o	Quis
Vend - e - s	Vend - e - ste	Diz - e - s	Diss - e - ste	Quer - e - s	Quis - e - ste
Vend - e	Vend - e - u	Diz	Diss - e	Quer	Quis
Vend - e - mos	Vend - e - mos	Diz - e - mos	Diss - e - mos	Quer - e - mos	Quis - e - mos
Vend - e - is	Vend - e - stes	Diz - e - is	Diss - e - stes	Quer - e - is	Quis - e - stes
Vend - e - m	Vend - e - ra - m	Diz - e - m	Diss - e - ra - m	Quer - e - m	Quis - e - ra - m

Fonte: Bechara (2006).

No quadro 1 podemos identificar nos verbos de segunda conjugação a transformação em seus radicais, exceto no verbo – vender, que não sofre variação alguma em seu radical. Os verbos - dizer e partir-, além de se transformarem nos seus radicais, mostram que as formas transformadas também ocorrem em tempos e pessoas diferentes, sem seguirem uma regra qualquer. Isso é o que confirma a falta de regularidade nos verbos irregulares na percepção gramatical, por não oferecerem um padrão de mudanças de irregularidade que possamos seguir, sabendo que a irregularidade pode ser também variável de verbo para verbo.

Sendo assim, os verbos ditos irregulares, segundo a gramática não são cabíveis de regularidade verbal, entretanto são definidos por Bechara assim: “Irregular é o verbo que, em algumas formas, apresentam modificações no radical ou na flexão, afastando-se do modelo da conjugação a que pertence.” (BECHARA, 2006, p. 225). Este pensamento vai ao encontro do estudo do autor no qual nos fundamentamos, pois, como vimos, os verbos irregulares oferecem, sim, alguma regularidade (CAMARA JÚNIOR, 2011). Logo, Bechara é reprodutor dessa ideia ao dizer que os verbos irregulares mostram em seu radical, quando flexionados algumas, modificações, entretanto, não especifica em quais pessoas, modos e tempos eles se transformam, confirmando que os verbos apenas têm uma regularidade de se modificarem.

A distinção entre verbos regulares e irregulares é o início para muitas outras subdivisões do verbo, o que os reclassificam em outras categorias que serão estudadas a seguir. Seguindo este pensamento, o tópico seguinte discute os paradigmas.

3.1.2 Os paradigmas

A flexão dos verbos acontece de forma organizada, seguindo modelos que permitem conhecermos de forma detalhada suas subdivisões. A decomposição de suas formas mínimas evidencia, entre outros, o radical que é à base dos verbos, este destaca o tipo e a classe a qual o vocábulo pertence, em relação a sua variação formal. Aliado ao radical encontra-se uma vogal temática que depreende a classe gramatical em três grupos com finalizações em (*a, e i*) sistematizados e determinados como conjugações verbais da língua portuguesa.

Para a construção formal, radical e vogal temática, Camara Júnior (2011) autodenomina de tema da flexão verbal, temas estes que se dispõem nas terminações: *a-*, *e -* e *-i*, que se distribuem em primeira, segunda e terceira conjugações. Vejamos como o autor define esta divisão:

Em vez de *cant-*, *fal-*, *grit*, por exemplo, temos temas em *a-*: *cantá-*, *falá-*, *gritá*, que colocam esses verbos numa classe morfológica, dita 1ª conjugação. Analogamente, temos a classe dos verbos em *e-* (2ª conjugação) e a dos temas em *i-* (3ª conjugação). (CAMARA JÚNIOR, 2011, p. 86, grifo do autor).

Sendo assim, podemos dizer que tema é a junção entre o radical e a vogal temática, esta, no que lhe diz respeito, especifica a que conjugação o verbo pertence. Na forma de infinitivo dos verbos, podemos observar como ocorre essa classificação.

Quadro 2 - Conjugações verbais

Verbos Amar/vender/partir			
Conjugação	Vogal temática	Tema	Terminação infinitivo
1º	A	ama	-ar
2º	E	vende	-er
3º	I	parti	-ir

Fonte: Elaborada pela autora (2017).

Além desses elementos, o verbo ainda possui em sua estrutura básica o componente que chamam de desinências verbais, que retêm os conhecimentos de número, pessoa, modo e tempos da classe verbal. As desinências verbais levam-nos ao conceito de paradigma, conjunto de formas “[...] coesas e com pequena margem de variação”. (CAMARA JÚNIOR, 2011, p. 81), que no caso dos verbos são os morfemas flexionais modo-temporal e número-pessoal.

No processo flexional da classe verbal, as noções gramaticais ocorrem de forma acumulativa, cujos morfemas contemplam mais de uma informação gramatical, logo, tempo e modo se definem por um único morfema, e, em contrapartida, temos número e pessoa, que também se aglomeram numa única unidade. A unidade número-pessoa é considerada pelo estruturalista, uma flexão que não é própria do verbo, já que apenas marca na forma verbal a pessoa gramatical do sujeito (CAMARA JÚNIOR, 2011). Esta unidade número-pessoa é dividida em seis sufixos que anunciam o sujeito identificado pelos seguintes grafemas: P1 e P4 indicam aquele/aqueles que fala(m), respectivamente; P2 e P5, indicam as pessoas com quem P1 e P4 falam; P3 e P6 indicam as pessoas de quem P1, P4, P2 e P5 falam. Ressaltamos que P1, P2 e P3 são as pessoas do singular e P4, P5 e P6, as pessoas do plural.

Percebe-se que há uma alteração quanto à fixação de números nas pessoas verbais, em que verificamos seis pessoas em vez de três pessoas. Sobre essa circunstância, Salum (2007) considera que isso ocorre porque pessoa gramatical e pessoa do discurso são elementos distintos, na qual esta reporta o sujeito no ato da comunicação revelados em primeira, segunda e terceiras pessoas do discurso, e aquela refere à quantidade de sujeitos envolvidos no discurso, como podemos constatar em Camara Júnior (2011, p. 84) na sessão mecanismo da flexão portuguesa, ao afirmar que “em português, o falante pode assinalar que está associado a si outra ou outras pessoas [...], ou que está se dirigindo a mais de um ouvinte [...], ou que a referência à 3ª do plural (ou 6ª pessoa)”, assim as seis pessoas aqui apresentadas se referem a uma adição de participantes no discurso.

Direcionando nosso olhar para a desinência verbal modo-temporal, discorreremos sobre a flexão de modo e seguidamente de tempo. Para a gramática tradicional, o modo se refere às possíveis maneiras de como o falante pode se posicionar em relação ao fato que deseja enunciar através do verbo. Eles, os modos verbais, se manifestam em três grupos: o modo indicativo, o que agrega as formas verbais que expressam atitudes certas, usado para indicar algo que ocorre, ocorreu ou ocorrerá precisamente. O modo subjuntivo agrupa os verbos que exprimem atitudes hipotéticas, empregado para indicar suposições, algo que pode

vir a ocorrer. No modo imperativo, integra-se o conjunto das formas verbais pela qual se fazem exigências, utilizado para exprimir uma ordem, um pedido, um conselho etc. (CEREJA & MAGALHÃES, 2012).

As particularidades modais são compreendidas por Camara Júnior (2011), de forma oponente, na qual os modos subjuntivo e imperativo contrapõem-se ao modo indicativo, já que o falante para aqueles assume um posicionamento subjetivo, posição esta que não é tomada pelo indicativo. Por esse motivo, em seu estudo, o autor define imperativo como sendo um segundo subjuntivo, ou subjuntivo não subordinado, haja vista, na relação sintática, o subjuntivo não imperativo admite para sua forma verbal uma subordinação ao advérbio “talvez” ou ao um verbo da oração principal, e por esta razão o define como subjuntivo¹, ou subjuntivo subordinado. Consequentemente, não se mantém nenhum desses critérios no indicativo, nem a subordinação e nem a indicação subjetiva. Entretanto, enquanto o modo subjuntivo exprime ações duvidosas, desejáveis, ou hipotéticas, o modo imperativo apresenta ordens ou proibições, segundo (CAMARA JÚNIOR. 1985).

Voltando às posições da gramática tradicional, juntamente com cada uma dessas divisões modais dos verbos, há para cada modo um conjunto de tempos verbais, flexão que indica o momento de ocorrência do ato verbal. Os tempos verbais são divididos em três, passado, momento anterior ao ato da fala; presente momento simultâneo ao ato da fala e futuro, posterior ao ato da fala. (CEREJA & MAGALHÃES, 2012).

Dentro dos tempos verbais, encontramos outra subdivisão distribuída nos modos verbais. É que, interior aos tempos pretérito e futuro, há para o modo indicativo mais de uma variação temporal. Assinalados como pretérito perfeito, pretérito imperfeito, pretérito-mais-que perfeito, futuro do presente e futuro do pretérito, aqueles usados para indicar fatos passados, concluídos, não concluídos e para revelar fatos passados acabados em relação ao outro também já concluso. Estes empregados para mostrar fatos que iriam ocorrer, podendo se referir a ações que viriam a ser posteriores ao momento da fala ou para referir-se a ações posteriores a um processo que já aconteceu no passado.

Para Camara Júnior (1985), as noções de tempo referem-se ao acontecimento verbal visto do momento em que ele é comunicado, compreendendo três tipos de situações: presente, o momento do acontecimento é simultâneo a comunicação; pretérito, momento anterior ao ato da comunicação, no passado do enunciador e o tempo futuro a ocorrência acontecerá posterior ao momento da comunicação. Para o autor, o tempo do pretérito é oposto ao tempo presente, e apresenta duas divisões para denotar sentidos diferentes, o que assinala um “pretérito anterior

a outro”, (pretérito-mais-que-perfeito) e o que, do ponto de vista de aspecto, que denota dois grupos de formas verbais o que assinala o processo inconcluso (pretérito imperfeito) bem como outro indiferente a esta sinalização (pretérito perfeito) (CAMARA JÚNIOR, 2011), o que confirma as características que tínhamos atribuídos anteriormente. No tocante ao futuro, o autor destaca haver também subdivisões na qual existe um futuro do pretérito em oposição a um futuro do presente.

Para as formas nominais dos verbos: infinitivo, que expressa o ato verbal em si, o gerúndio que manifesta o ato quando ainda está acontecendo, e particípio que exprime uma ação conclusa e acabada, a observação feita é que sofrem modificações em sua forma verbal e delas são dependentes, argumento confirmado por Camara Júnior (2011, p. 99):

[...] as chamadas formas nominais (infinitivo, gerúndio, particípio) são sinteticamente subordinadas, mas a subordinação se faz por uma “transformação”, no sentido de Chomsky, da forma verbal em si, ao invés de se fazer como no indicativo e no subjuntivo por uma transformação da oração.

A citação faz referencia à terminação das formas nominais, que são somadas ao radical do verbo, **-r** para formas de infinito, **-ndo** para as formas de gerúndio e **ado/ido** para as formas de particípio.

Ressaltamos que Camara Júnior (2011), em sua obra, cria siglas para trabalhar as conjugações, as formas nominais, como também os modos e os tempos verbais. Como observado por Salum (2007), em seu quadro Siglas, para os modos e os tempos.

Quadro 3 – Siglas para os modos e tempos

Modos e formas nominais	Siglas	Tempos	Siglas
Indicativo	Id	Presente	Pr
Imperativo (subjuntivo não subordinado)	Sb₁	Pretérito imperfeito	Pt₁
Subjuntivo (subjuntivo subordinado)	Sb₂	Pretérito perfeito	Pt₂
Infinitivo	If	Pretérito-mais-que-perfeito	Pt₃
Gerúndio	Gd	Futuro do presente	Ft₁
Particípio	Pa	Futuro do pretérito	Ft₂

Fonte: Salum, 2007.

No Quadro 3, podemos ter uma visão resumida de como Camara Júnior (2011) trata os modos e os tempos verbais no seu estudo mais aprofundado a respeito das subclasses do verbo, destacando as siglas Sb₁ e Sb₂ referentes ao imperativo e ao subjuntivo.

Quanto à noção de aspecto, este se refere ao ato de se comunicar em conclusivo, referente aos processos já concluídos e o inconclusivo quando às atividades que ainda estão em desenvolvimento. (CAMARA JÚNIOR, 1985).

Seguimos a discussão, pontuando outra particularidade do estudo dos verbos. A ênfase agora é sobre a estrutura dos verbos, onde se destaca um padrão geral.

3.1.3 A estrutura dos verbos e o Padrão Geral

Os desdobramentos na estrutura verbal revelam a flexão em sua totalidade como algo complexo e trabalhoso para análise e compreensão gramatical. No entanto, a riqueza de suas flexões, em parte carrega a identidade estrutural do verbo português Camara Júnior (2011). Segundo o autor, a estrutura verbal portuguesa é abarcada pela seguinte fórmula abreviativa:

$$T (R + VT) + SF (SMT + SNP)$$

Na representação formular, observa-se o constituinte T= tema verbal, composto pelo R= radical e VT= vogal temática, somado ao constituinte SF= sufixo flexional, composto pelos sufixos SMT= modo-temporal e SNP= número-pessoal, seguindo o modelo todas as formas nominais, em todos os modos e tempos verbais. A estrutura ou padrão geral dos verbos é caracterizado por um conjunto de regras de transformações possíveis nas variações de seus componentes mínimos, vogal temática e sufixos flexionais.

Nesta fórmula, são consideradas as alomorfas acertadas pelo conjunto das variações possíveis para cada sufixo flexional, incluindo a contingência de zero. Para tanto, são evidenciados 13 (treze) ¹ sufixos para expressarem as noções de modo e tempo, que já, integram a alomorfa que classifica o verbo em uma das três conjugações. (CAMARA JÚNIOR, 2011). Há ainda, segundo o autor, 06 (seis) ² possibilidades para os sufixos números- pessoas que apontam os sujeitos falantes, ouvintes e /ou outro ser ou seres diferentes destes, e para finalizar a classe mórfica se distribui em três conjugações.

¹ A acumulação num único morfema das noções de tempo e modo determina evidentemente, em princípio, treze sufixos modo-temporais. Só esporadicamente há neles alomorfa na base da classe mórfica, “ou conjugação”, a que o verbo pertence. (CAMARA JÚNIOR, 2011, p. 104).

² Sujeito falante ou P(eossa) 1; o falante e mais alguém ou P(eossa) 4; um ouvinte ou P(eossa) 2; mais de um ouvinte ou P(eossa) 5; um ser ou mais de um ser distintos do falante e do ouvinte, ou seja, respectivamente, P(eossoa) 3 e P(essoa) 6. (CAMARA JÚNIOR, 2011, p. 104).

3.1.4 O desvio e as Especialidades do verbo

Os verbos que fogem da constituição modal das conjugações a que deveriam tocar-se são julgados como sendo verbos irregulares da língua portuguesa. (CEREJA & MAGALHÃES, 2012), ou seja, são verbos que não se adequam ao padrão comum português, estes são compreendidos como um “[...] desvio do padrão geral morfológico” (CAMARA JÚNIOR, 2011, p. 111), e são apresentados como um conjunto limitado de verbos.

Em tal grupo se manifesta o inverso do padrão geral, sendo definido como os “padrões especiais” do verbo, isso porque ocorrem mudanças irregulares não só na parte variável do verbo, em suas flexões, como também são passíveis de alterações no elemento invariável da categoria, o radical. As alterações no radical é a marca que dá origem a um encadeamento dos padrões mórfico – específicos dos verbos. (CAMARA JÚNIOR, 2011).

A inconstância no padrão especial ao que lhes concerne não acontece de forma totalmente “arbitrária”, pois estes possuem uma sistematização própria já a eles imposta (CAMARA JÚNIOR, 2011), o que convém chamar a atenção para os verbos que nas gramáticas tradicionais recebem uma classificação diferente, por não fazerem parte dos regulares ou irregulares, recebendo as designações de verbos anômalos defectivos e abundantes. Estes não definidos por Camara Júnior (2011) como casos a parte dos irregulares, pois, segundo o autor, fica subentendido que o padrão especial enquadra todos os verbos que não se adaptam ao padrão geral dos verbos. Vejamos como são classificados os verbos por Bechara:

Anômalo é o verbo irregular que apresenta, na sua conjugação, radicais primários diferentes [...] sofre alterações que não podem enquadrar em classificação alguma. [...] Defectivos é o verbo que na sua conjugação, não apresenta todas as formas [...] Abundantes é o verbo que se apresenta duas ou três formas de igual valor e função [...]. (BECHARA, 2006, p. 226-227).

Nessa citação, podemos verificar que este grupo apresenta característica comum em suas definições, no entanto, não se associa aos regulares, por admitirem mudanças consideráveis no padrão. Em sua maioria, não são considerados, unicamente, irregulares, porque demonstram especialidades intrínsecas a sua forma.

É sobre a forma, função e sentido que vamos tratar no próximo item.

3.1.5 Forma, função e sentido

Os vocábulos de uma língua podem se classificarem em três categorias, mórfica, funcional e semântica, o que implica maneiras diferentes de analisá-los e compreendê-los. Nesta parte, a discussão privilegia esses critérios, considerando apenas o verbo que é objeto de nosso estudo.

Definidos assim por Camara Júnior (2011, p. 77): o critério semântico, aquele que de “[...] maneira geral significam do ponto de vista do universo biossocial que se incorpora na língua” fixando aqui o sentido das palavras. O mórfico que tem por base as “propriedades de forma gramatical” e um último critério o que se refere á função das palavras na oração.

O autor enfatiza que há dois critérios associados diretamente, o semântico e o formal, pois um é o signo linguístico que tem consequentemente a palavra ou a forma, perfazendo a harmonia entre forma e sentido (CAMARA JÚNIOR, 2011). Os verbos semanticamente representam, segundo o autor, “processos” às atividades que podemos realizar. Vejamos os exemplos:

I	PEDRO <u>CORRE</u> NA PRAÇA
II	A CRIANÇA <u>CANTAVA</u> ALEGRE

Nos exemplos acima, verifica-se que os verbos destacados indicam as ações que atingem diretamente os sujeitos experimentadores do evento. Em I, o verbo *correr* representa a ação que o sujeito *Pedro* experimenta: o ato de correr. De mesma forma, em II, o verbo *cantar* traduz a ação vivenciada pelo sujeito à criança. Nesse caso, trata-se de uma ação que o sujeito experimentou. Nos exemplos, os verbos são dinâmicos mostrando que os sujeitos são afetados por eles.

A forma mostra-nos a estrutura do vocábulo verbal:

Este apresenta as noções gramaticais, e morfemas gramaticais correspondentes, de tempo e modo, referentes a si mesmo, e de pessoa referente ao seu sujeito, ou ser a que ele é associado como ponto de partida do processo que designa. (CAMARA JÚNIOR, 2011, p. 78).

O critério mórfico dos verbos, como podemos ver na citação acima, corresponde às suas partes mínimas de significação, ou os morfemas, que constituem a forma do vocábulo “unitário” (CAMARA JÚNIOR, 2011). Vejamos exemplos de constituintes na tabela abaixo.

Quadro 4 – Representação dos Morfemas Verbais

VERBO	RADICAL	VT	SMT	SNP
Corremos	Corr	E	∅	mos
Cantávamos	Cant	A	Va	mos

Fonte: Elaborada pela autora (2017).

No quadro 4, mostra como se divide os morfemas verbais nos verbos - *correr*, formado pelo radical, (corr), pela vogal temática (e) e pelos sufixos flexionais do vocábulo, o sufixo modo temporal representado pelo morfema zero (∅) e pelo sufixo número pessoal, indicado pelo morfema (mos); e pelo verbo *-cantar*, estruturado pelo radical (cant), pela vogal temática (a), seguido do sufixo modo temporal representado pelo morfema (va), concluindo-se com o morfema número pessoal, representado pelo morfema (mos).

Quanto ao critério funcional, este tem um papel central na organização oracional, pois sempre será é o núcleo de uma sentença, a peça chave da oração. (BECHARA, 2006).

Para Camara Júnior, dentro de uma frase, o verbo se modifica para concordar com a pessoa gramatical, ou o sujeito da oração a que pertence, a escolha modal e temporal do verbo dependerá da natureza da frase. Além disso, no conceito funcional, um advérbio pode atuar como determinante de um verbo. (CAMARA JÚNIOR, 2011). Representados nos exemplos:

I	PEDRO E MARIA SÃO RÁPIDOS.
II	PEDRO E MARIA CORREM NA PRAÇA.

Analisando a função do verbo nas orações, é notório que o verbo *ser* se modificou ou se flexionou para concordar com o sujeito (Pedro e Maria) que fazem parte da terceira pessoa gramatical do plural. Já no segundo exemplo, percebe-se que, além de o verbo concordar com a terceira pessoa gramatical, é determinado por um adjunto adverbial de lugar, que expressa à circunstância do processo verbal.

O verbo, então é um vocábulo completo quanto às três categorias possíveis que se pode classificar uma palavra.

4 METODOLOGIA

Esta pesquisa se caracteriza por ser etnográfica, uma vez que manteve relação direta com os sujeitos sociais no meio de atuação deles. Além disso, é qualitativa, pois “[...] preocupou-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano”. (LAKATOS, 2008, p. 269). Assim, através das análises de aulas de Língua portuguesa no ensino médio, especificamente, aulas sobre verbos, mostramos como o professor lida com os conteúdos referentes a esta classe gramatical e como os alunos o compreendem, bem como o uso real dessa classe em sala de aula.

O estudo teve como universo de pesquisa a Escola Estadual Filgueiras Lima - EEFL, que fica localizada no município de Lavras da Mangabeira-CE. É uma instituição pertencente à rede pública estadual. Esta escola atende alunos do Ensino Médio regular nos três turnos, manhã, tarde e noite, e alunos da Educação de Jovens e adultos (EJA) no período noturno.

Quanto à infraestrutura, o estabelecimento conta com: 10 salas; 01 biblioteca; 01 laboratório de ciências; 02 laboratórios de informática; 01 sala de vídeo; 01 sala de multimeios; 01 sala para os professores; 01 diretoria; 01 secretaria; 01 sala para a coordenação; 02 portarias; 01 academia estudantil; 01 pátio de socialização (com apenas uma área coberta); 01 cantina e banheiros masculinos e femininos para os alunos; além dos banheiros para os professores. Tratando dos recursos humanos, o quadro de pessoal da escola corresponde as suas necessidades, a instituição tem 18 professores, todos com nível superior, 01 diretora, 02 coordenadores pedagógicos, 01 auxiliar administrativo, e 01 secretária, a instituição ainda conta com um número significativo de outros funcionários distribuídos nas demais funções essenciais para o funcionamento da referida escola.

Os sujeitos colaboradores da pesquisa foram 33 alunos do 2º Ano do Ensino Médio normal e o(a) professor(a) ministrante das aulas de Língua Portuguesa. A maioria dos alunos advém da zona urbana, mas há também alunos oriundos da zona rural do município, que em sua totalidade possui um nível econômico razoável. O docente colaborador é graduado em Letras - Língua Portuguesa, tem especialização em Linguística e já leciona há alguns anos tanto no ensino fundamental como no ensino médio como efetivo do município e do estado.

O 2º ano do Ensino Médio foi escolhido pelo fato de ser a fase escolar em que se detém o ensino da classe gramatical verbal numa perspectiva de revisar o conteúdo quanto aos seus aspectos formais, semânticos e funcionais, visto que o aluno já estudou a classe durante os anos anteriores no ensino fundamental, mas também é tempo de aperfeiçoar o estudo

compreendendo o uso da classe verbal conforme suas propriedades de adequação aos modos, aos tempos, e às flexões verbais.

Para a concretização desta pesquisa, foi realizada uma visita prévia ao local de coleta de dados com o propósito de apresentarmos nossos objetivos como investigadores, pedir autorização à Escola para realizar a pesquisa em suas dependências, consolidando a participação da referida instituição como campo de investigação, bem como lançar o convite aos sujeitos que colaboraram com pesquisa.

Posteriormente, foi assinado um termo de autorização pelo responsável da instituição, nos autorizando a pesquisa, e um Termo de Compromisso Livre e Esclarecido (TCLE) pelo professor colaborador, que o deixou ciente dos detalhes da pesquisa e de nosso compromisso em guardar sigilo da sua identidade.

Estes procedimentos foram necessários para legalizar a pesquisa e evitar problemas que poderiam causar transtornos tanto para os investigadores quanto para os sujeitos investigados. Estes são os procedimentos básicos exigidos pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) do Centro de Formação de Professores (CFP), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), o qual o projeto da pesquisa foi submetido com a intenção de atender às exigências legais propostas na Resolução 466/12.

Em nossa análise, designamos professor e alunos de forma genérica, assegurando nosso compromisso em manter o sigilo e a integridade física e moral dos sujeitos participantes dessa pesquisa. Sendo assim, utilizamos o grafema **A** de aluno seguido de um número (**A1**, **A2**, **A3...**) para distinguir as falas dos discentes individuais, e quando mais de um aluno fala ao mesmo tempo, apenas colocamos a indicação de quem falou, A1, A2, A3, por exemplo. Quanto à fala do docente voluntário da pesquisa, foi designada pelo grafema **P**, como primeira letra do vocábulo professor.

Segundo Gil (2010), é característica da pesquisa etnográfica, estudar o objeto em seu próprio campo de atuação, sendo necessária a participação direta do pesquisador em todas as fases da pesquisa. É um tipo de pesquisa que descreve como ocorre o fenômeno investigado, e a coleta dos dados é feita, principalmente, por meio de entrevista ou observação. Nessa perspectiva, elaboramos um instrumento para regulamentar a observação das aulas. A ficha de observação³ foi o instrumento que utilizamos durante os momentos de observação das aulas.

³ Apêndice A

Dessa forma, o *corpus* utilizado para análise foram os dados coletados durante as observações das aulas correspondentes ao conteúdo e às atividades da classe gramatical verbal. As observações transcorreram entre os dias 11 de maio de 2017 à 09 de junho de 2017, nas segundas, quintas e sextas-feiras no horário vespertino, tendo um total de 07 horas aula observadas, em uma turma de 2º ano do Ensino Médio; a técnica aplicada foi à observação, registrada em aparelho celular e armazenada no dispositivo móvel, depois transcrita, seguindo as normas abaixo.

Quadro 5 – Normas para transcrições das aulas

[[= indicam falas simultâneas, turno;
 (+) indica as *pausas* pequenas nas falas;
 (::) serve para indicar o *alongamento de vogais*;
 (/) os *truncamentos bruscos* são indicados com a barra,
 (()) os parênteses duplos são usados para indicar os *comentários do analista*
 /.../ indicação de transcrição parcial ou de eliminação.

Fonte: MARCUSCHI, 2003, p. 11-13.

Esse material proporcionou a realização da análise, desenvolvida a partir das categorias preestabelecidas pelo instrumento de pesquisa que evidenciou: a forma e os sentidos do vocábulo verbal que segundo Camara Júnior são as categorias mais importantes da classe de palavras, pois a categoria semântica determina a significação da palavra sobre o universo biossocial, e são associadas à categoria formal que revela as propriedades gramaticais das palavras, estas serão também as prioridades da nossa análise, porém não será desprezada a categoria funcional, que segundo o estruturalismo, diz respeito ao papel da palavra na oração.

As três categorias serão tomadas como análise na perspectiva de duas subcategorias: o estudo do conteúdo do verbo apresentando em sala, e o uso da dessa classe pelos sujeitos observados em sala de aula.

Para alcançarmos nossos objetivos, seguindo as categorias indicadas, elaboramos o seguinte questionamento como critério de análise:

- O estudo do verbo realizou-se a partir das categorias forma, sentido e função?
- O uso do verbo tanto pelo docente quanto pelo aluno apresentou-se seguindo a orientação exposta na(s) aula(s)?

O capítulo seguinte apresenta toda a discussão analítica que empreendemos para descrever o uso e o estudo do verbo numa sala de aula do Ensino Médio.

5 ANÁLISE DAS AULAS

Este capítulo pretende atender ao terceiro objetivo específico elaborado para esta pesquisa: descrever a abordagem e o uso dos verbos nas aulas observadas. Está organizado em duas partes: a primeira trata da abordagem do verbo na sala de aula; e a segunda, do uso do verbo pelos sujeitos colaboradores da pesquisa.

4.1 O ESTUDO DO VERBO

Esta primeira parte da análise segue o critério 1 em que questionamos: O estudo do verbo realizou-se a partir das categorias forma, sentido e função? Tal critério será utilizado para verificarmos como acontece o estudo do verbo em sala de aula.

Durante as aulas, P teve como suporte o livro didático, *Novas Palavras para o 2º ano do Ensino Médio*, dos autores Emília Amaral et al., em que realizou as leituras do assunto, efetivadas no módulo de Gramática nos Capítulos 3 - O verbo (parte 1) e Capítulo 2 – O verbo (parte 2) presente entre as páginas (205 e 239). A exposição da classe verbal foi feita através das leituras do livro, explicações e exemplificações no quadro, questionamentos, além de atividades.

Na Aula 01 *Introdução ao estudo do verbo: Conceito e Conjugações verbais*, P iniciou lembrando o que já haviam estudado sobre verbos em uma aula anterior, indagando aos alunos sobre o que seria verbo. Verifica-se a presença da categoria funcional do verbo, aquela que segundo Camara Júnior (2011.p.77) determina “[...] a função ou papel que cabe ao vocábulo na sentença” quando P associa a relação de importância do verbo dentro da oração como podemos observar na transcrição, a seguir, de um momento da aula.

P: Estão lembrados qui nós falamos sobre verbo” (+)

A1: lembramus

P: então o qui é o verbo qui nós falamos naquele dia”

P: Que nós ficamos ná/

A1: É a palavra mais importanti

P: A palavra mais importante de que”

A1:

P:: [da frase, da oração] num é’

P: E porque é a palavra mais importante”

A2: Porque ele dá sentido a frase’

P:: Porque ele dá sentido num é’

P:: Só com o substantivo, os adjetivos você vai pode construí uma frase com o sentido completo da oração”

Neste momento, P empenha-se em construir o conceito de verbo através da função da classe na oração, com a seguinte afirmativa “verbo é a palavra mais importante da oração”. Com isso, explora a ideia de que o verbo é o único vocábulo que “dá sentido” à sentença oracional, pois com o “substantivo ou adjetivo” não se pode atribuir o sentido completo da oração. Inferimos que o motivo que levou P a fazer tal afirmação sobre classe verbal foi o boxe informativo – *Para que saber?*- que traz a seguinte informação: *O verbo é a palavra mais importante da língua porque funciona, quase sempre, como **elemento nuclear** dos atos de comunicação. Em torno do verbo se agregam outras palavras para construir a estrutura dos enunciados* (AMARAL et al., 2013, p.205). Em resposta, A1 e A2 confirmam a afirmação de P por meio das respostas: A1: *É a palavra mais importante* e A2: *Porque ele dá sentido à frase*.

Vejam aqui que há um direcionamento que poderia ser melhorado, pois não é só o verbo que dá sentido a oração, mas é somente um verbo que dá à oração o estatuto de oração, uma vez que não há oração sem verbo. E, como P durante essas aulas estava trabalhando com verbo, pertinente seria colocá-lo em posição privilegiada na discussão. Aqui não podemos afirmar qual categoria, se semântica ou funcional. Na verdade, houve uma abordagem semântica com intenção funcional.

Em outros momentos, P trabalha a categoria funcional do verbo, relacionando-o mais uma vez com o contexto oracional. Vejam a transcrição a seguir.

P: aí vocês perceberam a diferença da leitura do primeiro texto num foi” pra leitura do segundo texto’ Nu primeiro texto é: fica meio sem sentido as palavras soltas’ purquê” o verbu é a palavra mais importante porque no verbu é qui vai funcionar como elemento do núcleo da ação do fato verbal é o verbu’ Você veja aí quando acrescentou/ (+) parecem, inovam, ser, permanecem, é, elevam, inte, etc...
O texto ganha um significado qui até então ele não tinha sem os verbus’ (+)
Dessa primeira parte aí’ ok’ Né”

Percebe-se que P coloca o verbo como o núcleo da ação do fato verbal, e por essa razão é o mais importante, representado pelo significado que os verbos dão ao texto. Considerando a categoria funcional, ressaltamos que P expôs em muitas de suas explicações exemplificações do conteúdo verbal, a ideia de que o verbo é a palavra mais importante da

oração. Embora incompleto esse direcionamento é positivo, uma vez que é o verbo que faz uma oração ser oração.

P:

/.../ Brasil colherá safra agrícola recorde este ano.
A torcida está confiante na vitória da seleção.

Além de usar a categoria funcional pré-estabelecida por Camara Júnior (2011), P reconhece que o verbo deve se flexionar para se adequar ao sujeito da oração a que pertence. P faz isso evidenciando que o tempo verbal e o modo verbal precisam variar de acordo com a natureza da oração onde o verbo está inserido, da mesma forma como orienta Camara Júnior (2011). Prova disso são os exemplos acima, em que todos os verbos estão adequados à pessoa e número do sujeito.

A segunda categoria trabalhada nas aulas foi a semântica. Camara Júnior (2011) classifica como sendo a categoria que corresponde às ações que podemos realizar, ou seja, o verbo indica “processo”. Para essa categoria escolhemos o recorte em que o professor explicou e exemplificou as possíveis significações do verbo, perguntando aos alunos o que o verbo poderia expressar. Vejamos a transcrição abaixo:

P: E u verbo ele vai expressar o quê” Eu disse na aula passada’ (+)

A1: Ação’

P: só ação’

A1: istado’

A2: [fenômeno da natureza], né.

P:

P: Aquela definição que a gente aprende lá no quarto ano, quando a gente tá aprendendo né, diz (+) verbo é a palavra qui expressa, denota, ação, istado ou fenômeno dá natureza.

Neste trecho, P define que os verbos expressam ações, estados e fenômenos da natureza e, por meio de questionamentos, P certifica que seus alunos já têm o conhecimento acerca da categoria semântica do verbo. Afirmamos isso com base nas respostas de A1 e A2: A1: *ação’/.../ estado* e A2: *fenômeno da natureza*. Para demonstrar como isso ocorre P exemplifica. Vejamos:

P:
 /.../ Brasil colherá safra agrícola recorde este ano.
 A torcida está confiante na vitória da seleção.
 Durante nosso passeio de jangada ventou muito.

Para cada exemplo, P traz uma justificativa ou o porquê de tal verbo denotar ação, estado ou fenômeno da natureza. Vejamos nos trechos a seguir.

P: intão vamus lá.
 P: aí vocês tem aí' lá do outro la:do' assim oh' xio eu colocar aqui um exemplo pequeno oh'(+) Brasil colherá safra agrícola recorde este ano' Ondi é qui istá o verbu"
 A1, A2: [[colherá
 P:
 P: colherá' purque qui u colherá aqui é desiguidado comu verbu"
 A4: purque [é uma ação]'
 P:
 P: ação de quê"
 A4: [de colher]' num é"
 P:
 P: E si eu colocasse assim oh' Brasil safra agrícola recorde este ano'
 A1, A2, A4: [[Não tinha sentido
 P: ficaria meio qui sol-tu né' sem sentidu completu né'" e o verbu aqui vai denota a ação nuclear num é' é o nucleo de tudo" tudo vai girar aqui em torno do verbu'
 A1, A2, A3: [[é
 P: Intão esse verbu aqui denota"
 A1: [[ação'(+)

No primeiro exemplo, P inicia sua explicação perguntando onde se localiza o verbo na oração e por que este vocábulo pode ser enquadrado dentro da classe verbal. As respostas obtidas de A1 e A2 simultaneamente é *colherá*. A4 completa a resposta esperada por P *porque é uma ação*. No mesmo instante, P pergunta *ação de quê?* obtendo a resposta de A4 e completando-a: *[de colher] não é*. Posteriormente questiona o que aconteceria se retirasse o verbo da oração. A resposta de A1, A2 e A3 é: *a oração ficaria sem sentido*. A seguir, P conclui a explicação, dizendo que o verbo denota ação porque tem um sentido completo, é ação nuclear e tudo gira em torno dele.

Compreendemos que P fugiu um pouco do conceito semântico sugerido por Camara Júnior (2011), pois, segundo o autor, o verbo para denotar ação basta indicar uma atividade, sendo assim, a ação indicada pelo verbo *colherá* sugere a atividade de colher, e isso seria

suficiente para tratar o verbo como um verbo de ação, sendo desnecessário relacioná-lo à estrutura do enunciado. O segundo exemplo é explicado da seguinte forma.

P: o próximo exemplo oh'

A torcida está confiante na vitória da seleção' (+) onde está o verbo''

A4: Está'

P: porque aqui está é o verbo''

A1: porque é um estado um modo de estar

P: É um modo num é' ele num denota ação, um estado' Eu poderia dizer assim a torcida permanece' num é' /.../ o verbo permanecer também ele vai expressar um estado' num é'' a torcida(+) num lugar de permanece'' a torcida fica confiante na vitória da seleção' Fica (elevação do tom da voz)

P realiza a mesma metodologia para explicação e construção do sentido do verbo que indica estado. Indaga onde está o verbo, a partir da resposta de A4: *está*, pergunta o que faz dessa palavra um verbo, conseguindo de A1 a resposta: *Porque é um estado um modo de estar*. Com essa definição, P finaliza o sentido desse verbo, enfatizando que é um modo e, portanto, não expressa ação. Com ajuda de alguns verbos que também denotam estado, P termina sua explicação sobre verbos que expressam estado. De mesma forma, P explica o exemplo seguinte que explora o verbo concedendo a ele o sentido de fenômeno da natureza:

P: onde está o verbo aí''

A1, A2, A3, A4: [[Ventou

P: Aqui é claro e evidente ele vai expressar o quê''

A1, A2, A3, A4: [[fenômeno da natureza'

P: aí tá aqui os três tipos de estados que o verbo pode se apresentar expressar ou denotar o quê'' /.../ a ação(+)estado

P: ou [fenômeno da natureza]' ventar' trovejar' relampejar' nevar' num é

A1, A2, A3, A4: todos eles vão expressar fenômeno da natureza' então ok'' essa parte aí''

P introduz sua explicação com a mesma abordagem dos exemplos anteriores para o reconhecimento do verbo, mas não questiona o porquê desse vocábulo estar contido dentro da classe verbal. P indaga afirmando que o verbo vai expressar fenômeno da natureza, o que já é confirmado por A1, A2, A3, A4, com falas simultâneas: *fenômeno da natureza*.

Segundo P, o verbo pode significar três tipos de estado: ação, estado ou fenômeno da natureza. Para finalizar o conceito, P apresenta outros exemplos de verbos pertencentes ao grupo de fenômeno da natureza: ventar, trovejar, relampejar, nevar.

No que diz respeito à categoria semântica, especificamente, ao verbo expressar estado e fenômeno da natureza, Camara Júnior não infere nenhuma observação, entretanto, outro ponto abordado por Camara Júnior (2011) é a relação entre a forma e o sentido. Segundo o autor, as duas categorias são indissociáveis visto que o significado é resultante da forma do verbo. Sobre essa afirmação, percebemos que, na aula 03 *O radical e os tipos de verbos*, foi possível verificar a ocorrência dessa harmonia de forma e sentido com mais propriedade.

P: o verbu falir o que è falir”
A2: fica sem dinheiro quebrou
P: você quebrou perdeu tudo decretou falência aí fali eu”
A1: fali
A3: falo
P: é eu falo”
A2:
A1: [[fali
P: Não, mas se eu dissesse assim eu falo existe esta forma no falir”
A2: não
A3: eu entrei em falência né”
P: não se eu digo eu falo já é outro verbu num é não/
A2: já é outro sentido

Quando P trata de verbos defectivos, fica evidente que cada verbo tem sua forma e que esta, por sua vez, representa também o sentido do verbo. Na transcrição acima, o professor trabalha o verbo falir e abre espaço para os alunos conjugarem junto com ele o verbo na primeira pessoa do singular do modo indicativo e do tempo presente, entretanto os alunos não conseguem atribuir ao verbo o sentido que a ele é posto. P, portanto, pede aos alunos para completarem a pessoa gramatical com o verbo falir e as respostas são: A1: *fali* e A2: *falo*. Diante da indecisão, P pergunta mais uma vez: *não, mas se eu dissesse assim eu falo existe esta forma no verbo falir?* A1, responde que não. P fecha sua fala dizendo que a forma “*falo*” é de outro verbo, e assim os alunos entendem que não existe a primeira pessoa do verbo “*falir*”, e que a forma “*falo*” pertence ao verbo falar. Esse é o único momento de todas as aulas que o verbo é explicado unindo forma e sentido, de acordo como sugere Camara Júnior (2011).

A categoria formal ou mórfica é aquela que Camara Júnior considera como sendo a categoria que se constitui pelas propriedades da forma gramatical que podem apresentar,

(CAMARA JUNIOR, 2011). Segundo Azeredo (2004), na perspectiva morfológica, o verbo é classe de palavras que transcorre dentro dos enunciados sob diferentes formas para expressarem também as noções de tempo, modo, número e pessoa. A abordagem do estudo da forma do verbo se inicia em sala com as conjugações verbais.

P: vamos vê aqui a conjugações verbais (+) lembram” eu falei alguma coisa aula passada(+) Não” Ninguém” qui termina em AR’IR’ER’ você pega o verbu no infinitivo que muitos chamam o verbo de infinitivo o próprio nome’ o nome do verbo por exemplo vamo começar pela primeira conjugação andar/.../ terminou em quê”

A2: ar

P: a-r

P: então ele é de primeira/

A1: Classe’ oh’

P: [conju-ga-ção]

A1:

A1: Eu errei’

P: aí eu tenho o verbu vender, terminou em quê”

A1, A2, A3: e-r

P: então ele vai ser de segunda conjugação’ verbo partir’

A1: terceira conjugação’

P: terceira conjugação’

P explica que os verbos se separam em três conjugações identificadas pela terminação do verbo em sua forma nominal de infinitivo, a qual o P a conceitua como sendo o “*próprio nome do verbo*”. Dito isso, o infinitivo apresenta três terminações distintas: AR- ER –IR, a exemplo de andar, vender e partir. Algumas respostas dos alunos demonstram a incompreensão sobre conjugações verbais. P pergunta a qual terminação pertence o verbo andar e A1 responde que o verbo é de primeira classe. Então P refaz a compreensão, dizendo pausadamente que o verbo é da primeira conjugação. Dessa forma os alunos aceitam porque compreendem a divisão dos verbos em conjugações, compreendendo que os verbos terminados em ER são de segunda conjugação, e os terminados em IR de terceira conjugação.

De acordo com Camara Júnior (2011, p. 105), os verbos são distribuídos em três conjugações “[...] para se aproximarem da realidade.” Na verdade, existe uma classe, ou conjugação I, em face de outra conjugação II que agrupa certas formas e uma conjugação III, que junta outras formas verbais. Sendo assim, as conjugações acomodam os verbos em subclasses para que, a partir delas, possa se estudar as variações do verbo.

A variação flexional do verbo de acordo com o estruturalismo estudado são as noções gramaticais da classe que compreendem os morfemas de tempo e modo, bem como os de número e pessoa. Essas noções foram discutidas e estudadas em sala. A seguir um fragmento desses momentos de estudo.

P: O que é flexão” alguém sabe me dizer assim o que é”

A1: é variações

P: é são as variações/.../ aí nós vamo vê as flexões do verbu (+) aí nessa parte verde diz o que” verbu são palavras variáveis que se flexionam em pessoa, quais são as pessoas do discurso” primeira’ segunda e/

Para introduzir o estudo da flexão verbal, o P pergunta aos alunos o que é flexão. A1 responde que é variação, resposta esta que vai ao encontro da explicação de P, que afirma *são as variações*, abrindo assim, o estudo sobre flexões do verbo. Em seguida, é solicitada a leitura do livro didático que inteira que os verbos se flexionam em pessoas, número, modo e tempo. As pessoas do discurso nos verbos servem para indicar a pessoa pronominal do sujeito e a ela está unida a noção de número (CAMARA JÚNIOR, 2011). P faz a leitura do tópico *Flexão do verbo*. Em seguida P pergunta: *Quais são as pessoas do discurso?* já respondendo e obtendo as seguintes respostas dos alunos.

A1, A2, A3, A4,: primeira’ segunda e [[terceira pessoa do discurso do singular e do plural’ vamo aqui as pessoas do discurso’ digam aí’

A1: Eu’ tu’

P: E tu tem também o que aqui”

P: [você] né”

A1:

P: quem mais” ele e ela’ aí no plural

A1, A2, A3: Nois’ vois’ /

P: ou aqui voceis né

A1, A2, A3: e elis e elas

P: aqui são as pessoas do discurso nu singular e nu plural’ então o verbu se flexiona nas pessoas’ du singular e du plural ‘ em número num é’

Observando o trecho, verificamos que P e os alunos aglomeram as noções de número e pessoa, dizendo as seis pessoas do discurso divididas em singular e plural. O livro didático, em *Pessoa e Número*, também deixa clara essa junção, ao expor a ideia de que as pessoas do discurso, representadas pelas pessoas gramaticais 1º, 2º e 3º, estão associadas ao conceito de número (singular e plural) que mostra a quantidade de indivíduos referentes a cada uma das pessoas gramaticais. Para Camara Júnior (2011), existem seis sufixos para indicarem as

peças do discurso, classificadas pelo autor como: a primeira para o falante 1, a segunda para o ouvinte 2, e a terceira para o ser distinto do falante e do ouvinte 3, já a 4, 5 e 6 indicam os mesmos seres no plural. P encerra o tópico dizendo que o verbo se flexiona em pessoa e número.

Partimos agora para os morfemas verbais que são interpretados como morfemas com um grau maior de complexidade por acumularem as noções de tempo e de modos (CAMARA JÚNIOR, 2011), ou seja, é o sufixo modo temporal. O primeiro refere-se a um “julgamento implícito do enunciador no tocante a natureza, subjetiva ou não, da comunicação que faz”. (CAMARA JUNIOR, 2011, p.98), e trabalhados em sala da seguinte forma:

P: em modu quais são us modus’ nois vamos vê tudinho aqui indicativo’ subjuntivo e imperativo /.../
P: modo verbal oh’ os modos verbais são quantos olha aí”
A1, A2, A3: são três
P:
A1, A3, A4: [[o indicativo’ o subjuntivo e o imperativo

Este momento é o fim da aula 1. P apresenta e esclarece o que são os modos verbais, primeiro pergunta quantos modos são, depois quais são. A1, A2 e A3 respondem que são *três*, enquanto A1, A3 e A4 apontam quais são *o indicativo’ o subjuntivo e o imperativo*. Posteriormente, P constrói o conceito de cada um deles. Vejamos a seguir.

P: O modo indicativo ele vai indicar u quê”/.../
A1: Certeza dos falantes’
P: Certeza: são fatos du verbu certos conluídos, acabado e o subjuntivo”
P: [suposições’ duvidas um hipótese] se isso, se aquilo e o imperativo
A1, A3, A4,
A1: ordem’
P: ordem pedido conselho
 Se eu digo assim Senti: expressando o quê
A1: ordem
P: Se eu digo saia:
A1: pedido
P: pedido num é nem sempre o tom que eu der ao imperativo vai ser ordem’ pode ser o quê um pedido’ intão nois temos esses três modos verbais o indicativo o subjuntivo e o imperativo e cada um deles vão se desmembrar em outros’ tá certo”
A1: tá certo’ libera nois”

Camara Júnior (2011, p. 99) afirma que existe dentro dos critérios uma “[...] oposição entre os modos em Português”, isto é, enquanto existem diferentes e determinadas sinalizações para um, para outro não há. Na fala de P, percebemos que o modo indicativo assinala fatos certos, o subjuntivo suposições, dúvidas ou hipótese, já o imperativo indica ordem, pedido, conselho.

Os conceitos para os modos verbais apresentados por P estão de acordo com as características estabelecidas por Camara Júnior (1985), estudados no terceiro capítulo desse trabalho. É importante lembrarmos que, segundo Camara Júnior, os modos subjuntivo e imperativo se opõem ao modo indicativo, visto que o enunciador para aqueles se posiciona de forma subjetiva, uma sinalização não presente no indicativo, e esta é a razão pela qual o autor trata o modo subjuntivo como sendo subjuntivo subordinado, ou subjuntivo 1. Ou seja, há uma dependência do advérbio “talvez”, advindo de uma oração principal, e trata o modo imperativo como sendo um subjuntivo não subordinado por não depender sintaticamente do advérbio citado. Este fato não é trabalhado em sala, fica subentendido que esta lacuna se deu por P considerar uma leitura mais avançada a respeito dos modos ou, talvez, por desconhecer tal fato modal.

Na aula 2, P retoma o tópico *Modo verbais* com alguns exemplos, e inicia um novo tópicos *Formas Nominais*. As formas nominais do verbo são aquelas que sofrem alterações no sentido da forma verbal em si, e por isso são sinteticamente subordinadas sem necessitarem de um conectivo oracional subordinativo como no indicativo e no subjuntivo. (CAMARA JÚNIOR, 2011). Vejamos a transcrição seguinte.

P: formas nominais’ as formas nominais como diz aí oh’ e o verbo apresenta inúmeras formas que constituem seus diferente tempos e ixpõe também de três formas particulares denominadas formas nominais qui são elas o infinitivo’ o gerúndio e o particípio’ certo gente’ aí o que é o gerúndio o infinitivo e o particípio” o infinitivo é denominado assim como o nome do verbo’ se eu digo assim eu istou estudando pra a prova quais são os verbus que se encontram aí

A2: istou e estudando’

P; qual é o nome do verbu istudando” istudar’

A1: istudar

P: o infinitivo é o chamado nome do verbu’ o verbo istudando’ estudar’ falando/

A2: falar

P: caracteriza pela terminação r’, porque as terminações terminam em ar er e ir, mas o infinitivo em r por exemplo eu tenho vender termina em queê”

A2 : er ou r

P: é o infinitivo em r’ cantar”

A2 : r

P: nele não istá demarcando o tempo

P apresenta as formas nominais: infinitivo, gerúndio e particípio. O infinitivo em sua fala é “denominado” como sendo o nome do verbo, uma característica que é dada a esta forma porque ela é considerada “[...] a mais indefinida do verbo” (CAMARA JÚNIOR, 2011, p. 103). Outro atributo salientado por P é o fato de que o infinitivo possui terminação em R. Esta característica é a que diferencia a forma nominal das conjugações verbais. P explica que as conjugações terminam em AR –ER -IR, e a forma nominal de infinitivo em R. Os Alunos, atentos, acompanham o exemplo que P coloca no quadro: *Eu estou estudando para a prova*. P faz algumas indagações para atingir a plenitude do conceito da forma nominal de infinitivo e finaliza dizendo que o infinitivo não demarca tempo, um aspecto notado por Camara Júnior, que atribui ao infinitivo outra definição: “[...] forma que de maneira mais ampla e mais vaga resume a sua significação, sem implicações das noções de tempo, aspecto ou modo” (CAMARA JÚNIOR, 2011, p. 103), abarcando a característica explanada por P.

Almeida (2005) define gerúndio como sendo a forma nominal terminada em-NDO, uma aspecto puramente formal, mas Camara Júnior enfatiza algo a mais sobre esta forma, ao afirmar que o gerúndio é “[...] morfologicamente uma forma verbal que indica um processo que nele se passa [...]” processo este de aspecto inconcluso (CAMARA JÚNIOR, 2011, p. 103). Vejamos a transcrição seguinte:

P: para aí no infinitivo’ e o gerúndio é o que termina em ndo é comumente diz assim inspressa uma ação que acontece continua acontecendo’/.../
 Vender o gerúndio ficaria o que”
A1: vendendo
P: partir
A3: partido
P: Cantar
A2: cantando
P: eles terminaram em quê em’ [ndo] ntão é o gerundio’
A2:

P inicia sua explicação sobre a forma nominal gerúndio, reconhecendo que a forma termina em-NDO, e explica a característica de aspecto inconcluso da forma nominal de gerúndio. Finalizando sua fala sobre o gerúndio, P apresenta alguns exemplos, indagando aos alunos como os verbos vender, cantar e partir ficariam nessa forma e obteve as respostas de A1: “*vendendo*”, A3: “*partido*” e A2: “*cantando*”. Somente A3 se equivocou.

A forma nominal de particípio é oposta ao gerúndio, o particípio tem aspecto concluso, e se afasta morfológicamente da natureza verbal, pois nele há marcas intrínsecas de um adjetivo (CAMARA JÚNIOR, 2011). Sobre essa forma nominal, vejamos as transcrições da aula 2:

P: e o particípio” ele termina em quê olhem aí” tá lá no livro de vocês’ Caracteriza pela terminação ado ou ido num é” e vamos dizer assim que é um verbo da outra conjugação da segunda e terceira conjugação/.../

O verbo vender ele é qual conjugação terminado em er”

A1: da segunda conjugação

P: muito bem’ intão voçeis vejam aí que os verbos da segunda e da terceira conjugação eles não terminam em ado terminam em ido oh’ vendido e partir é de qual conjugação”

A1,2: [[primeira(+)]terceira

P: terceira’ intão também o particípio termina em ido’ e cantar é de qual conjugação.

A1: ar

P: e ar é de qual conjugação

A2: primeira conjugação

P: e os de primeira conjugação o particípio termina em ado fica cantado’ portanto verbos de segunda e terceira conjugação terminam em ido e os de primeira em ado e ixprimem o resultado da conclusão do processo verbal.

P dá ênfase aos aspectos formais do particípio, apoiando-se no livro didático, explicando que a terminação do particípio varia de acordo com a conjugação a que o verbo pertence, para os de 1º conjugação a terminação é -ADO, e para os verbos de 2º e 3º conjugações a terminação é -IDO. P dá exemplos para comprovar o que foi dito e os alunos acompanham a explicação.

A noção acumulativa de modo é a concepção de tempo verbal como momento da ocorrência da atividade verbal (CAMARA JÚNIOR, 2011). Vejamos a transcrição a seguir.

P: nós vimos os modos quais são' indicativo, subjuntivo, imperativos' e agora os tempos verbais' quais são''
A1: passado presente e futuro'
P: pronto o passado o que é''
A2: uma coisa que passou
A1: um algo que já aconteceu
P: é o tempo anterior ao presente né' antes é o que aconteceu ontem, há 5min há 1s já é passado' e o presente o que é''
A1: é o qui tá acontecendo agora
A2: o que tá acontecendo
P: é o momento agora, o momento da fala da iscrita de agora' e o futuro''
A1: vai acontecer
A2, A4: é o que [vai acontecer]
P: é o que ainda irá acon-/
A3: acontecer
P: é o momento posterior ao momento da fala e da iscrita vem depois'

P: tempo verbal oh' passado presente e futuro'o passado anterior ao memento da fala ou da iscrita é antes do momento agora e o futuro é algo que irá acontecer posterior ao momento da fala, por exemplo, o recreio é algo que irá acontecer presente o momento agora' Nós tempos três tempos verbais qui esses outros tempos vão se desmembrar' até agora tudo bem'' essa divisão geral do tempo dá origem aos três tempos verbais básicos passado ou pretérito viu o passado também chamado de preteritu o presente e futuro/

P inicia o tópico *Tempo verbal* do livro didático, mostrando que já foram estudados os modos verbais, portanto, será estudado o conteúdo referente aos tempos verbais. P trabalha o conteúdo, perguntando quais são os tempos verbais. A1 responde *passado presente e futuro*, e logo após a resposta, P começa a explicar e a conceituar cada tempo verbal. Para o tempo passado, P diz que é o tempo anterior ao presente que já aconteceu. A2 diz: *é uma coisa que passou* e A1 que *é um algo que já aconteceu*. Dito isto, P os questiona sobre o presente, os alunos concluem que é algo que está acontecendo, e o professor confirma dizendo: *é o momento agora, o momento da fala da iscrita de agora*. Logo em seguida, pergunta sobre o que seria o tempo futuro, obtendo as respostas de A1 como *o vai acontecer*, A2 e A4 como *é o que [vai acontecer]* e também confirmada por P. A3 também participa, dizendo que *é o que ainda irá acontecer*.

Segundo Camara Júnior (2011), há um presente em face de um pretérito e formas específicas para o futuro, o que se verificou na explicação do conteúdo de tempos verbais. O professor repetiu a definição de cada tempo, exemplificou o tempo futuro se referindo ao recreio: *por exemplo, o recreio é algo que irá acontecer* e conclui o assunto, dizendo que é nesses três tempos verbais que outros tempos vão se distribuir. Vejamos a transcrição.

P: vamu aqui oh (bate no quadro pra chamar a atenção)
 Vamus mininas nos incerra já daqui a pouquinho vem o recreio (+) o tempo não tem subdivisões o pretérito subdividi-se em pretérito perfeito imperfeito e mais que perfeito e o futuro por sua vez tem duas divisões futuro do presente e futuro do preterito'

P apresenta a subdivisões dos tempos verbais: a primeira é a do pretérito em (pretérito perfeito, pretérito imperfeito e pretérito mais-que-perfeito); e a segunda a do futuro em (futuro do pretérito e futuro do presente). Salientamos que Camara Júnior também afirma que, além da “tripartição em presente, pretérito e futuro, existe outro sistema bipartido de pretérito, de um lado e, de outro lado, um presente que abarca o futuro” (CAMARA JÚNIOR, 1985, p. 132), ou seja, os tempos que estão contidos dentro do pretérito e do futuro apresentados por P, que não entram em muitos detalhes por entender que ainda não é tempo de aprofundar o conteúdo, seguindo uma observação que também está no livro didático. Entretanto, no livro didático, tem exemplos para cada uma dos tempos verbais nos três modos: indicativo subjuntivo e imperativo.

No estudo estruturalista de Camara Júnior (2011). *A flexão do verbo Português*, o verbo é sistematizado e organizado em padrões: o padrão geral e os padrões especiais, identificados pela estrutura do verbo. Em sala de aulas foram estudados no tópico *Quanto à flexão* (p. 213) conforme os fragmentos abaixo.

P: Variação' e quanto a variação como é qui o verbu se classifica" num é' e variação de que nu RADICAL du verbu' o que é o radical" vocês aprenderam lá nu primeiro ano o conceitu de radical/.../ quanto a variação do radical alguém lebra o qui é um radical"

A2: radical é a parte que / pera ai deixa eu me lembrar

P: alguém pode complementar a o que o aluno istá dizendo"é a parte qui não muda é a parte invariável da palavra por exemplo eu vou dar um exemplu aqui com um substantivo eu tenho menino dê um palavra derivada de menino

A: menina

P: menina num é o feminino

P: vendido oh terminou em ido diferente desse ado termina em ido que é o de segunda e terceira conjugação então os abundantes são aqueles que apresentam duas formas de mesmo valor ou seja dois participios o ado termina em ado e em ido olha aí oh acertar fica o que "

A1: aceitado

P: ou

A1,A2: aceito
menininho

P: meninada olhe aqui até onde a palavra se torna invariável

A2: até o segudo N

P: até o segundo N intão menin essa parte que não muda é denominado radical gente presta atenção a atividade é semana qui vem qui a gente vai revisar tudo que istá vendo aqui

A2: radical é a parte qui não muda

Veja que P relembra com os alunos o conceito de radical, explicando que radical é a parte da palavra que não muda e demonstra com o substantivo menino. P pede aos alunos que digam palavras variadas de menino A2 responde *menina*, *menininha* e *meninada*. P pergunta até que elemento o substantivo não se modifica. A2 responde que até o segundo N. P completa o conceito, dizendo que, *menin-* é a parte da palavra que não muda, portanto, é o radical.

O radical é a parte da palavra invariável nos verbos que seguem o padrão geral em português, sendo um dos componentes que constitui a estrutura do padrão (CAMARA JÚNIOR, 2011). Segundo o autor, os verbos que seguem o padrão possuem, em sua estrutura, o radical imutável acrescido de sufixo flexional. Em sala, o conceito de radical determina os verbos regulares, verbos esses reconhecidos como o padrão. Vejamos:

P: o verbo também que é a palavra que vai expressar estado ou fenômeno da natureza tem também aquela parte que não muda e essa parte é chamada de radical e quando essa parte varia aí ele vai receber determinada classificação do verbo o verbo regular o qual é uma coisa regular(+) que acontece regularmente olha ao ser conjugado não sofre alteração no radical viver

Eu vivo tem aí no livro de vocês

A2: eu vivo tu vives ele vive

P: Eu vivia

A2: Aí é passado

P:

A2:

P: Não tô dando só um exemplo /.../ Oh vivo vivia é até aonde o radical v- i- v porque é a parte que não muda /.../ Então os verbos regulares são aqueles em que o radical permanece em todas as conjugações é regular andar eu ando tu andas ele anda nós andamos vós andais eles [andam] é um radical que permanece o mesmo então esse verbo é regular'e

Nesse momento, P direciona o conceito de radical para a classe verbal, explicando que, de mesma forma que há um radical para os nomes, há também para os verbos, sendo que a estrutura do radical vai determinar a classificação de cada tipo de verbo. P inicia a classificação verbal pelos regulares, dizendo que os verbos regulares são aqueles em que o radical permanece em todas as conjugações. É regular *andar*, uma vez que segue um paradigma de flexão: eu ando, tu andas, ele anda, nós andamos, vós andais, eles [andam]. Há um radical que permanece. A definição sobre verbo regular abarca o conceito de padrão dos verbos em sala de aula, no entanto, os sufixos flexionais do verbo não são mencionados como um padrão.

Em seguida, P explica o que são verbos irregulares, estes que, segundo Camara Júnior (2011, p. 111), são compreendidos como um desvio do padrão geral e são considerados pelo autor como pertencente ao grupo dos padrões especiais do verbo português que, mesmo se desviando do padrão geral possuem alguma regularidade, embora não tão acentuada como a do padrão geral. Em sala, explicado assim.

P: os verbos irregulares é aqueles em que vai mudando o radical por exemplo o verbo fazer eu faço, ele'' (+) nós'' (+) eles''(+)

A2: ela já muda ele faz nós fazemos eles fazem

P: vejam aí oh' o radical é o mesmo em todas as ocorrências do verbo fazer''

A2: é

P: é'' faço é''

A2: não

P: olhem aí no livro de vocês faço' fará' fizesse' eu digo assim oh' ele fará a prova, fa::rá olha a diferença para as demais ocorrências termina em r-a fará pra fa-z-er' fizesse olha aí quando ele fizesse a prova tiraria boa nota' olha a mudança no radical então quando há/ vocês percebam que nem nessa ocorrência aqui do verbo viver que é um verbo regular

A2: regular não muda regular muda

P: o radical vai acontecendo a ocorrência dele é regular regularmente vai acontecendo em todas as forma da mesma forma e o irregular não ele vai mudando de acordo com a ocorrência dos modos verbais e dos tempos verbais ele vai mudando vejam a mudança do radical do verbo fazer aqui é ç' aqui é r' aqui é z' então já tem uma mudança intão é chamado de verbo irregular

Na fala de P, identificamos que verbos irregulares são aqueles em que seu radical se modifica, fugindo do padrão. Com exemplos do livro didático, P evidencia a diferença entre verbos regulares e irregulares para esclarecer as dúvidas dos alunos. O verbo irregular *fazer* é estudado detalhadamente, em modos e tempos diferentes para que os alunos compreendam melhor como ocorre o processo de irregularidade nos verbos.

A irregularidade também pode se referir aos sufixos flexionais quando variarem de um verbo para outro. Entretanto Camara Júnior (2011, p. 111) deixa claro que “[...] o mais relevante nos verbos irregulares é a mudança no radical, pois estes cria uma série de padrões morfológicos verbais [...]”. Subtende-se que os padrões especiais que seguem o conceito de irregularidade são opostos à regularidade do padrão geral. Sendo assim, os verbos irregulares abrangem todos os tipos de verbos que não são regulares. Nesse sentido, vejamos os outros tipos de verbos trabalhados em sala.

P: de falar. Não existe eu falo de falir

/.../ então o verbo defectivo que não tem a ocorrência todos os modos e tempos verbais.

P: o abundante lê aí pur favor

A2: apresenta duas formas de mesmo valor geralmente dois participípios

/.../

P: /.../ então os abundantes são aqueles que apresentam duas formas de mesmo valor, ou seja, dois participípios o ado termina em ado e em ido olha aí oh acertar fica o que “

A1: aceitado

P: ou

A1, A2: aceito

P expõe o conceito de verbos defectivos e abundantes, aqueles já mencionados quando tratamos sobre a ligação entre sentido e forma. Segundo P, são os verbos que não possuem todas as formas para todas as ocorrências temporais e modais. São conceituados por P como sendo aqueles que possuem duas formas de mesmo valor de dois participípios. Os verbos irregulares não foram trabalhados como elementos passíveis de alguma regularidade. Como afirma Camara Júnior (2011), os verbos irregulares são propensos de “alguma padronização” também, e os verbos defectivos e abundantes não foram trabalhados relevando a sua irregularidade, mas sua forma. Mesmo assim, foram trabalhados e conceituados os verbos regulares.

4.2 O USO DO VERBO

Esta segunda parte da análise tem por base o critério 2 em que indagamos: O uso do verbo tanto pelo docente quanto pelo aluno apresentou-se seguindo a orientação exposta na(s) aula(s)? Aqui averiguamos se o uso do verbo em sala de aula acontece de forma a concordar com a teoria do verbo abordada em sala.

Segundo as OCEM (2008), o indivíduo estuda e compreende as formas de funcionamento da língua e os modos de manifestação da linguagem; ao realizá-lo constrói o conhecimento relativo aos usos da língua e da linguagem nas mais diferenciadas situações. Em sala de aula, ao mesmo tempo em que se estuda o verbo, os alunos também o realiza através da interação com o professor. Ao que diz respeito à sintaxe, presenciamos no transcorrer de todas as aulas momentos que demonstraram o uso do verbo dentro do contexto oracional. Vejamos os fragmentos.

P: e o particípio” ele termina em quê olhem aí” tá lá no livro de vocês’ Caracteriza pela terminação ado ou ido num é” e vamos dizer assim que é um verbo da outra conjugação da segunda e terceira conjugação/.../

[...]

P: mais sabe o qui nois vamos fazer nois vamos pur parte’ hoje nós vimos as conjugações’ aí amanhã eu vou passar uma pequena atividade sobre isso’ pequena viu’

P, ao realizar seu discurso, emprega o verbo no âmbito oracional, na maioria das vezes, dentro das regras, pois, nos exemplos, verifica-se que os verbos são os núcleos das orações, concordam com o sujeito e se flexionam de acordo com as exigências da oração. Vejamos:

Período construído na fala do professor

Hoje nós vimos as conjugações. Amanhã eu vou passar uma pequena atividade sobre isso.

A primeira oração está constituída ao redor do verbo “ver” no pretérito perfeito do indicativo, flexionado adequadamente com o sujeito da oração de que faz parte. O mesmo também ocorre na segunda oração dita pelo professor, pois está estruturada em torno da locução verbal composta pelo ver “ir” mais “passar” conjugados para concordar com o sujeito da oração. Quanto aos Alunos, eles reconhecem a estrutura da oração, pois suas falas estão organizadas relevando o papel do verbo dentro sentença, compreendendo a concordância entre sujeito e núcleo verbal. Vejamos:

A1: tá’ se quiser parar, tá ótimo’/.../ não professora eu tô intendo,’ eu não tô achando tão difícil

A2, A3: [[Eu também

P: Estão achando fácil” eu acho verbo tão difícil

A1: não fácil num tá’ não comprica um pouquinho na hora de conjugar

A2: num tá nem fácil nem difícil

Da transcrição, filtramos o período seguinte para análise.

Período construído na fala dos alunos

Se quiser parar, está ótimo. Não, professora eu estou entendendo. Eu não estou achando tão difícil.

Percebemos que o primeiro período demonstra que a aluno organizou sua fala em torno do verbo querer, flexionado no futuro do modo subjuntivo, adequando à construção do período oracional. A segunda oração é organizada ao redor da locução verbal formada pelo verbo “estar” mais “entender”: o primeiro conjugado no presente do indicativo, e o segundo no gerúndio, atendendo às particularidades da oração, concordando com o seu sujeito. A mesma ocorrência verifica-se na oração seguinte, composta pelo núcleo verbal concretizado na locução verbal dos verbos “estar” mais “achar,” modificando-se para obedecer às normas da construção oracional.

O sentido dos verbos está atrelado a sua forma. Nessa conjuntura, tanto professor quanto alunos fazem uso dos verbos para expressarem o sentido pretendido. Vejamos:

A1: Ei P e o outro conteúdo”
P: é voceis já **istão** se **articulando**” pa apresentação”
A1: Assim a gente já **pesquisou**’ já **dividiu** as partes que **vai**/
P: **vão apresentar**’ e us outros
2: vamu **sortiar**
A3: ah nois num **achemu** u livro não’
P: qual é u de voceis ”
A3, A4: [[sinhora’
P: Pois tem lá a menina leu’ a menina pegou da da da outra sala.
A3: pois ela num **devolveu** (+)
P: ela **devolveu**’(+)

Correlação dos verbos entre a fala do professor e dos alunos.

Fala do professor	Fala dos alunos
Estar	Pesquisar
Articular	Dividir
Ir	Ir
Apresentar	Sortear
Ser	Achar
Devolver	

Os verbos acima foram utilizados para empregar o sentido que neles estão constituídos, bem como para expressar as ações e atividades realizadas pelos sujeitos colaboradores desta pesquisa. Compreendemos que o emprego da semântica dos verbos foi realizado concordando com a teoria estudada. Seguimos a análise do uso com a forma. Vejamos:

P: indica a qual atitude de certeza a gente tem sobre coisas conclusas, certo não é dúvida é uma coisa certa, certeza indica atitudes certas, vocês tem aí no livro de vocês o modo indicativo na página 207

A2: fazem parte de modo as formas verbais que **exprimem** atitudes de certeza dos falantes

P: atitudes de certeza dos falantes quando ele **diz** assim o **viajaremos** para Recife **viajaremos** para Canoa Quebrada **viajaremos** **ixprime** aí uma dúvida esse verbo”

A2: não”

P: são exemplos de verbos o qual o verbo pode **expressar**”

P: é importante gente que vocês **fique** bastante claro o qual é um verbo(+) porque na frente próximo ano vocês vão **começar** a **estudar** a oração subordinada primeira assunto de gramática do terceiro ano /.../ vocês já vão ter que **intende** o que é o verbo como o verbo **vai** se apresentar dentro da oração (+) pra vocês poderem classificar mais na frente, vocês **vão estudar** no terceiro ano é regência (+) lá o professora num **vai dizer** assim vamos **estudar** verbo que no primeiro ano vocês **estudarão** o qual são **istudaram** substantivo, adjetivo, artigo, numeral quatro classes de palavras que são chamadas as classes morfológicas aí nos vamos **estudar** no segundo ano as outras seis (+)

O professor usa as formas verbais em consonância com o estudo em sala de aula, visto que todas as formas utilizadas em sua fala seguem a estrutura organizacional do vocábulo verbal, compondo-se de radicais e sufixos flexionais próprios da flexão do verbo, por exemplo, o verbo *estudar* usado para expressar variadas ocorrências verbais no discurso da explicação do professor. Vejamos o recorte abaixo:

Verbo <i>estudar</i> (fala do professor)
Istudar
istudaram
estudarão

O primeiro exemplo se encontra na forma nominal de infinitivo com a terminação – AR; o segundo exemplo está flexionado no pretérito perfeito de indicativo, estruturado com o radical e os sufixos flexionais exigidos pelo verbo. Da mesma forma acontece com o último exemplo que está conjugado no futuro do presente do indicativo.

Verifica-se também, no discurso do professor, ao pronunciar o vocábulo *estudar*, faz uso da letra (i) ao invés da letra (e) inicial do verbo. Trata-se de uma informalidade na língua oral. Isso ocorre também com a pronúncia de outros verbos como: *ixpressar/ expressar* e *ixprimem/ exprimem*, bem como muitos outros no decorrer das aulas, o que indica formas de uso informal da língua.

Os alunos também fazem uso da forma verbal que estudam em sala em sua maioria informal, a exemplo dos trechos abaixo.

2: ele **indica** a ação

A2: qual é o verbu” **istiver** (+)

A1: **estiver**

A2: **istou aguardando**’ ele nu celular num tá nem vendo que **istá** num/.../ vendo quem **istá** o **aguardando**

As formas verbais expressas pelos alunos também estão em conformidade com o estudo da forma do verbo, pois os alunos pronunciam os verbos, obedecendo à estrutura do vocábulo, bem como flexionando de acordo com modos e tempos, a exemplo dos verbos *indicar*, *estar* e *aguardar*. A primeira forma verbal se encontra no presente do indicativo. Nessa classificação também se encontra a segunda e a terceira formas, expressas no gerúndio.

É explícita a informalidade na fala dos alunos. Observemos o recorte do verbo *estar* evidenciando várias ocorrências. Todos se encontram com a vogal inicial (e) substituída pela vogal (i).

Verbo Estar (fala dos alunos)
Istiver
Istou
Istá

Esse fenômeno é perfeitamente compressivo porque há, na fala, um viés que compreende algumas formas possíveis que não são permitidas na escrita.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino de gramática busca estudar o sistema de funcionamento da língua. Nessa direção, o professor deve auxiliar os alunos a desenvolver competências e habilidades linguísticas fundamentais para construir os discursos de forma a adequá-los às práticas sociais de comunicação. É através da gramática que estudamos os vocábulos da língua nas dimensões estruturais, funcionais e semânticas.

Nesse sentido, evidenciamos e identificamos como ocorre o ensino aprendizagem da classe gramatical verbal, analisando o estudo e o uso dos verbos no universo de sala de aula como temática relevante para o meio acadêmico e profissional, uma vez que proporciona conhecermos como sucede o funcionamento da classe verbal, entendendo as diversas circunstâncias comunicativas da qual fazemos parte. Além disso, um estudo dessa natureza permite refletirmos como devemos proceder em sala de aula, articulando teoria e prática para uma melhor compressão dos discentes.

Das análises, primeiramente no que diz respeito ao estudo do verbo evidenciamos que a explicação e apresentação do verbo em sala de aula por P seguiram a perspectiva estruturalista proposta por Camara Júnior (2011), seguindo os critérios de forma função e sentido. Ou seja, P, além de apresentar e explicar as regras estruturais do verbo, demarcou-o como o elemento essencial da oração, uma vez que não há oração sem verbo, bem como atentou para a ideia do que seja verbo.

Quanto ao uso do verbo, que consta na segunda parte da análise, consideramos que tanto P quanto os alunos fazem uso do verbo conforme os critérios de forma, função e sentido, variando do formal ao informal no que respeita à fonologia, a exemplo de *iscreveu* para falar *escreveu*, fenômenos este que não interfere na abordagem no estudo proposto. Além disso, consideramos que essa variação na fala é um fenômeno natural e contribuiu para que professor e alunos estivessem mais próximos.

Dessa forma, consideramos que os objetivos desta pesquisa foram alcançados, uma vez que pudemos analisar abordagem do ensino dos verbos, se estava de acordo com a teoria estruturalista de Camara Júnior, além de verificar como ocorre a articulação teoria e prática dentro do universo de sala de aula. Conseqüentemente, os questionamentos foram respondidos, uma vez que atendemos aos objetivos propostos.

A metodologia, portanto, foi satisfatória, já que nos permitiu atingir os objetivos e, conseqüentemente, responder ao questionamento desencadeador da pesquisa, como também comprovar a hipótese de que o estudo do verbo se daria de forma tradicional. Assim também a

teoria eleita para fundamentar a análise foi adequada, mesmo porque é uma das mais completas sobre a análise do verbo.

Ao lado disso, constatamos que o estudo do verbo em sala não seguiu as orientações propostas pelos OCEM visto que as aulas não foram executadas tomando por base os gêneros textuais como propõe o documento. O estudo se deu por meio de frases soltas, descontextualizadas. No entanto, o uso aconteceu espontaneamente pelos alunos e pelo docente, ou seja, pela prática interativa em sala de aula.

Partindo dessa experiência, e das leituras empreendidas, especialmente pela leitura dos OCEM, propomos que o estudo do verbo deve realmente se dar por meio dos gêneros textuais, uma vez que acreditamos possibilitar uma melhor aprendizagem aos alunos. Além disso, fazê-los perceber a articulação estudo e uso, proporcionando a percepção da forma, função e sentido dos verbos, fá-los despertar a consciência para o monitoramento de como usar os recursos linguísticos nos níveis formais e informais a depender da situação de uso.

Por fim, esperamos que esta pesquisa fomente outras discussões acerca da temática abordada, visto que o debate não se encontra acabado, necessitando de outros olhares, sugestões e direcionamentos, de acordo com universo discursivo de cada pesquisador.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. Gramática Metódica da Língua Portuguesa. 45. ed. São Paulo: Saraiva, 2005.

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ALDRIGUE, Ana Cristina de Sousa. **Linguagem: usos e reflexões.** -v.5- Joao Pessoa: Editora da UFPB, 2009.

_____. **Aula de português: encontro & interação.** São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

AZEREDO, José Carlos de. **Fundamentos de Gramática do Português.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

BAGNO, Marcos. **Dramática da língua portuguesa: tradição gramática, mídia & exclusão social.** São Paulo: Loyola, 2000.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

BRASIL. Secretaria da educação Básica. **Parâmetros curriculares nacionais: Língua Portuguesa.** 3. ed. Brasília: A secretaria. 2001.

BRASIL. Secretaria da educação fundamental. **Orientações curriculares para o ensino médio: Língua Portuguesa.** v. 1. Brasília: Secretaria de Educação Básica. 2008.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. **História e estrutura da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Padrão, 1985.

_____. **Estrutura da língua portuguesa.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Gramática: reflexão uso.** 4. ed. São Paulo: Atual, 2012.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. **Iniciação aos estudos morfológicos: flexão e derivação em português.** São Paulo: Contexto, 2011.

ILARI, Rodolfo. **A expressão do tempo em português.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

KLEIMAN, Ângela B.; SEPULVEDA, Cida. **Oficina de gramática: Metalinguagem para principiantes**. 2. ed. São Paulo: Pontes, 2012.

LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definições funcionalidades. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Raquel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs). **Gêneros textuais & ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucena, 2002.

MARCUSCHI, Luiz A. **Análise da Conversação**. São Paulo: Ática, 2003.

MONTEIRO, José Lemos. **Morfologia Portuguesa**. 4. ed. Campinas: Pontes, 2002.

RIBEIRO, Maria das Graças de Carvalho (Org). **A morfologia e sua Interface com a sintaxe e com o discurso**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2011.

Rocha, Luiz Carlos de Assis. **Estruturas morfológicas do português**. Belo Horizonte: ADUFC, 1998.

ROSA, Maria Carlota. **Introdução a morfologia**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

SALUM, Maria Elizabeth Leuba. **Morfologia do verbo português em obras de referência**. 2007. 232 f. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

SILVA, Camilo Rosa; CHRISTIANO, Maria Elizabeth Affonso; ONIREVES, Monteiro de Castro. **Da Gramática ao texto**. João Pessoa: Ideia, 2003.

SOUSA-e-SILVA, Maria Cecília P. de; KOCH, Ingedore Vilaça. **Linguística Aplicada ao português: morfologia**. 18 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática**. São Paulo: Cortez, 2009.

_____. **Gramática ensino plural**. São Paulo: Cortez, 2011.

APÊNDICES



APÊNDICE A – FICHA DE OBSERVAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

GRAMÁTICA E ENSINO: UMA ANÁLISE DO ESTUDO E DO USO DOS

CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

Objetivo da pesquisa: Analisar a abordagem dos verbos em aulas do 2º ano do Ensino Médio em comparação com a abordagem teórica estruturalista e com as práticas reais no universo da sala de aula.

Pesquisadores: Maria Nazareth de Lima Arrais – orientadora

Francidalva Leonardo da Silva Domingos – orientanda

DADOS DO CAMPO:

Escola: _____
 Turma observada: _____
 Período de observação: _____ Aula observada nº: _____ Data: ____/____/____

GRAMÁTICA E ENSINO: UMA ANÁLISE DO ESTUDO E DO USO DOS VERBOS

OBEJETO DE ESTUDO	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS DE ANÁLISE
CLASSE VERBAL	FORMA	Estudo
	SENTIDO	
	FUNÇÃO	
CLASSE VERBAL	FORMA	Uso
	SENTIDO	
	FUNÇÃO	

ANEXOS

ANEXO A - TRANSCRIÇÃO DAS AULAS

Observação: ESTUDO E USO DOS VERBOS

Aula 01: Introdução ao estudo do verbo: Conceito e Conjugações verbais

Data: 11/05/2017 **Duração da aula:** 28min 12s

P: Estão lembrados qui nós falamos sobre verbo” (+)

A1: lembramu

P: então o qui é o verbo qui nós falamos naquele dia”

P: Que nós ficamos ná/

A1: È a palavra mais importanti

P: A palavra mais importante di que”

A1:

P: [da frase, da oração] num é’

P: E porque é a palavra mais importante”

A2: Porque ele dá sentido a frase’

P: Porque ele dá sentido num é’

P: Só com o substantivo, os adjetivos você vai pode construí uma frase com o sentido completo da oração”

A1: [[Não’

A2:

P: E u verbo ele vai expressar o quê” Eu disse na aula passada’ (+)

A1: Ação’

P: só ação’

A1: istado’

A2: [fenômeno da natureza], né.

P:

P: Aquela definição que a gente aprende lá no quarto ano, quando a gente tá aprendendo né, diz (+) verbo é a palavra qui expressa, denota, ação, istado ou fenômeno dá natureza. Aí dentro dos verbos que foi lido até esse texto aqui, vocês se lembram” qui o texto qui foi lido’ ((**leitura de p**)) Todos os séculos se os outros; os homens não muito, a não nos instrumentos técnicos. As paixões: as do poder, da glória, do amor e do dinheiro. De Lucrécio a descoberta de que o medo da morte que nós á fome do ouro e da glória – mas, não esse medo, que nos a

eternidade no efêmero ciclo da vida, ainda nas cavernas, raízes do lobo, o vento com as mãos

P: tá faltandu o que aí”

A1: [[Us verbos **P:**

P: Os verbos, pu risso que A1 disse naquela aula passada num foi” que os verbos é aquela palavra qui é essencial pra oração ter o que” significação’ porque o verbo vai concentrar o que, na maioria das vezes uma u que” uma ação’ tudo o fato verbal’ (+)

P: Aí Quem podi ler aí” essi já com os verbos’ (+)

Vai A1’ vai

P: Aí vocês perceberam a diferença da leitura do primeiro texto num foi” pra leitura do segundo texto’ Nu primeiro texto é: fica meio sem sentido as palavras soltas’ porque” o verbu é a palavra mais importante porque no verbu é qui vai funcionar como elemento do núcleo da ação do fato verbal é o verbo’ Você veja aí quando acrescentou/ (+) parecem, inovam, ser, permanecem, é, elevam, inte, etc...

U texto ganha um significado qui até então ele não tinha sem os verbus’ (+)

Dessa primeira parte aí’ ok’ Né”

A1: é’

P: que o verbo vai concentrar (+) to:do o fato toda a ação verbal’ num é” toda a ação nu verbu, certu”

A3: certu.

P: certo’ possu prosseguir”

A3: pode’

P: intão vamos lá.

P: aí vocês tem aí’ lá do outro la:do’ assim oh’ xio eu colocar aqui um exemplo pequeno oh’(+)

Brasil colherá safra agrícola recorde este ano’

Ondi é qui istá o verbu”

A1, A2: [[colherá

P:

P: colherá’ porque qui u colherá aqui é desiguado comu verbu”

A4: porque [é uma ação]’

P:

P: ação de quê”

A4: [de colher]’ num é”

P:

P: E si eu colocasse assim oh’ Brasil safra agrícola recorde este ano’

A1,A2,A4: [[Não tinha sentido

P: ficaria meio qui sol-tu né’ sem sentidu completu né” e o verbu aqui vai denota a ação nuclear num é’ é o nucleo de tudo” tudo vai girar aqui em torno do verbu’

A1, A2, A3: [[é

P: Intão esse verbu aqui denota”

A1: [[ação’(+)

P:

P: o proximo exemplu oh’

A torcida istá cunfiante na vitória da seleção’ (+) onde istá o verbu”

A4: Istá’

P: porque qui istá é o verbu”

A1: porque é um istado um modu de istar

P: É um modu num é’ ele num denota ação, um istado’ Eu poderia dizer assim a torcida permanece’ num é”/.../ o verbu permanecer também ele vai ixprimir um istado’ num é” a torcida(+) num lugar de permanece” a torcida fica confiante na vitória da seleção’ Fica (elevação do tom da voz)

P: /.../ du-ran-te o nosso pas-se-io de jan-ga-da ventou muito’(+)’

P: onde istá o verbu aí”

A1,A2,A3, A4: [[Ventou

P: Aqui é claro e evidenti ele vai ixpressar o quê”

A1,A2,A3, A4: [[fenômeno da natureza’

P: ai tá aqui os três tipos de istados que o verbu pode se apresentar expressar ou denotar o quê” /.../ a ação(+), instado

P: ou [fenômeno da natureza]’ ventar’ trovejar’ relampejar’ nevar’ num é **A1,A2,A3, A4:** todos eles vão impressar fenômeno da natureza’ então ok” essa parte aí”

A1: Eles três são exemplos de verbus”

P: é’ são exemplos de verbus o qui o verbo pode ispressar’

P: é importante gente que vocês fique bastantes claro o qui é um verbu(+) porque pá frente próximo ano vocês vão começar a istudar as oração subordinadas primeiro assunto de gramática do terceiro ano /.../ vocês já vão ter que intende o que é o verbu comu o verbu vai se apresentar dentro da oração (+) pra vocês poderem classificar mais na frente’ vocês vão estudar no terceiro ano é regência (+) lá o professora num vai dizer assim ramos istudar verbu’ que nu primeiro ano você estudarão o quê cêis istudaram’ substantivo’ adjetivo’ artigo’ numeral quatro classe de palavras que são chamadas as classe morfológica’ aí nos vamos istudar no segundo ano as outras seis (+)

/.../

P: vamo pra frente(+) aí nessa parte o autor dá uma definição do que é verbu’ olhe’ verbu

são palavras que por si só exprimem um fato em geral uma ação, um estado ou um fenômeno e que podem variar a sua forma para situar esse fato no tempo(+) para que ele vai variar a forma” nos vamos vê aqui’ /.../ porque ele vai situar o fato verbal no tempo e no espaço’ se é no presente’ passado’ futuro’ de qual forma aconteceu esse fato verbal/.../ só qual num é bem simples assim não só presente’ passado’ futuro não’ aí tem as subdivisões de cada uma’ vocês vão ter que dar uma estudadinha a mais em casa (+) para aprender as terminações viu”

A1: Hurum

P: vamos vê aqui a conjugações verbais (+) lembram” eu falei alguma coisa aula passada(+) Não” Ninguém” qual termina em AR’IR’ER’ você pega o verbo no infinitivo que muitos chamam o verbo de infinitivo o próprio nome’ o nome do verbo por exemplo vamos começar pela primeira conjugação andar/.../ terminou em quê”

A2: ar

P: a-r

P: então ele é de primeira/

A1: Classe’ oh’

P: [conju-ga-ção]

A1:

A1: Eu errei’

P: aí eu tenho o verbo vender, terminou em quê”

A1,A2,A3: e-r

P: então ele vai ser de segunda conjugação’ verbo partir’

A1: terceira conjugação’

P: terceira conjugação’

P: aí você diz professor e os verbos terminados em o-r vai para onde” tem verbos que terminam em o-r” tem” ou num tem”

A2: não’

A1: [[tem’

P:

P: alguém sabe me dizer um exemplo(+)

A1: Pôr

P: Pronto’ aí você acha que por vai para qual conjugação” (+) se não tem(+), tem terminado em a-r’ e-r e i-r’ vai para onde” a gente vai buscar explicação minha gente lá na raiz latina do português porque o verbo pôr antes era poer aí com o processo de modificação da Língua

Portuguesa /.../ (explicações sobre a origem da Língua advinda do Latim)

A1: vai pra segunda'

P: e antes no latim o verbu pôr era poer' terminou em que conjugação e-r (+) então por isso que o verbu pôr vai para a segunda conjugação.

P: primeira conjugação os verbos terminados em a-r

Segunda conjugação os verbos terminados em e-r

Terceira conjugação os verbos terminados em i-r ' tá certo''

/.../

P: Pode continuar né''

A1: num passando atividade pode falar aí o restu da tarde todinha'

P: o negocio é atividade' flexões do verbu' O que é flexão'' alguém sabe me dizer assim o que é''

A1: é variações

P: è são as variações

P: Então nós vamos vê as flexões do verbo(+) Voceis quandu istudaram o substantivo ele nu se flexionou em gênero'numero e grau' num fui'' então o substantivo menino' aí pode ser meni:na qui é no feminino e meni-nas qui é nu plural' e aqui tem o grau menina ou meninazinha' /.../ aí nós vamo vê as flexões do verbu (+) aí nessa parte verde diz o que'' verbus são palavras variáveis que se flexionam em pessoa, quias são as pessoas o discurso'' primeira' segunda e/

A1,A2,A3,A4: primeira' segunda e [[terceira pessoa do discurso du singular e do plural' vamo aqui as pessoas do discurso' digam aí'

A1: Eu' tu'

P: E tu tem também o que aqui''

P

: [você] né''

A1:

P: quem mais'' ele e ela' aí no plural

A1,A2 A3: Nois' vois' /

P: ou aqui voceis né

A1,A2, A3: e elis e elas

P: aqui são as pessoas du discurso nu singular e nu plural' então o verbu se flexiona nas pessoas' du singular e du plural ' em número num é' em modu quais são us modus' nois

vamos vê tudinho aqui indicativo' subjuntivo e imperativo 'o tempo qui é presente' passado e futuro' a voz ativa, passava e reflexiva'

A1: eita' Professor é coisa num é não'' tu é doido'' pense'' vou passar um/.../

P: mais sabe o qui nois vamus fazer nois vamus pur parte' hoje nós vimus as conjugações' aí amanhã eu vou passar uma pequena atividade sobre isso' pequena viu'

P: /.../ ((Discursão sobre trabalho de literatura))

A1: Ei Professora e o outro conteúdo''

P: é voceis já istão se articulando'' pa apresentação''

A1: Assim a gente já pesquisou' já dividiu as partes que vai/

P: vão apresentar' e us outros

A2: vamu sortiar

A3: ah nois num achemu u livro não'

P: qual é u de voceis ''

A3,A4: [[sinhora'

P: Pois tem lá a menina leu' a menina pegou da da da outra sala.

A3: pois ela num devolveu (+)

P: ela devolveu'(+))

P: /.../ (fim da discursão de literatura)

P: pessoa e numero ler aí A1'' (+) alguém ler aí''

A5: Leitura

P: Pronto'aqui tem oh' Eu beijo' tu beijas' você beija' ele ou ela beija' [nois beijamos vois beijais' eles ou elas beijam]

A1,A2,A3:

A1: você beijara' vois beijaras

P: veijam aqui'' qui tem uma forma pra cada pessoas du singular e du plural' porque num processo de comunicação' eu num vou falar sozinha posso até falar né mas o processo de comunicação o ato de comunicação envolve as pessoas du discurso eu tu ele' no singular e nu plural pra dizer quantas pessoas istão envolvidas' Oh eu tu ele nois vois e elis' Voceis istão vendu aqui qui o verbu istá mudando a sua terminação prá se adequar isso é o qui se chama flexão du verbu' ta certo oh' Beijo' beijas' beija' beijamos' beijais' beijam'

A1: aí tá envolvida voceis, você ' não você' voceis'nois'

P: aí é pra indicar o quê'' a pessoa e o número' as pessoas qui istão no discurso e o numero

eu tu ele singular e nós vois eles plural' aí são as formas e as pessoas do discurso' aqui é a variação de pessoa e número e aí tudo bem''

A1: tá' se quiser parar tá ótimo' /.../ não professora eu tô entendendo' eu não tô achando tão difícil

A2,A3: [[Eu também

P: Estão achando fácil'' eu acho verbo tão difícil

A1: não fácil num tá' não comprica um pouquinho na hora de conjugar

A2: num tá nem fácil nem difícil

P: é porque o começo/ é na hora de conjugar' mais aqui voeis entendendo o princípio o básico quando chegar na parte mais complicada fica melhor pra voeis viu' entendendo o comezinho perguntando tirando a dúvida.

P: modo verbal oh' os modos verbais são quantos olha aí''

A1, A2,A3: são três

P:

A1,A3, A4: [[o indicativo' o subjuntivo e o imperativo

p: O modo indicativo ele vai indicar u quê'' /.../

A1: Certeza dos falantes'

P: Certeza: são fatos du verbu certos conluídos, acabado e o subjuntivo''

P: [suposições' duvidas um hipótese] se isso, se aquilo e o imperativo

A1,A3,A4,

A1: ordem'

P: ordem pedido conselho

Se eu digo assim Senti: expressando o quê

A1: ordem

P: Se eu digo saia:

A1: pedido

P: pedido num é nem sempre o tom que eu der ao imperativo vai ser ordem' pode ser o quê um pedido' intão nois temos esses três modos verbais o indicativo o subjuntivo e o imperativo e cada um deles vão se desmembrar em outros' tá certo''

A1: tá certo' libera nois''

P: por hoje a gente para por aqui'

Observação: ESTUDO E USO DOS VERBOS**Aula 02:** Modos e Tempos Verbais**Data:** 12/05/2017 **Duração da aula:** 32 min 54s**P:** Ficou em que página”**A1:** 207 (+)**P:** Nós vimos os modos verbais num foi” quem se lembra”(+) quais são os modos verbais”**A1:** Indicativo**P:** indicativo’ qual mais”**A2:** subjuntivo**A3:** subjuntivo é”**A4:** adjetivo**P:** subjuntivo e”**A5:** imperativo**P:** imperativo’ são esses três modos verbais num é”**P:** o modo indicativo ele iexpressa o quê”**A2:** indica não”**P:** indica u quê” atitude de certeza’ ei gente’ coisas conclusas, certu não é dúvida é uma coisa certa’ certeza’ indica atitudes certas’ voceis tem aí nu livro de vocês’ oh’ modo indicativo na pagina 207**A2:** fazem partes de modo as formas verbais que exprimem atitudes de certeza dus falantes**P:** atitudes de certezas dos falantes’ quando ele diz assim oh’ viajaremos para Recife’ viajaremos para Canoa Quebrada’ viajaremos ixprime aí uma dúvida esse verbo”**A2:** não’**P:** viajaremos num é verbu”**A2:** é**P:** É” porque” Por que viajaremos é verbu” nós vimus ontem gente’ é por que”**A2:** expressa uma ação**P:** uma ação’ Se eu digo’ viajaremos para Canoa Quebrada iexpressa alguma duvida aí” alguma hipótese”**A2:** Não**P:** istá ixpresando o quê aí uma/**A2:** ação**P:** uma ação e uma”

A1: Certeza

P: certeza' eu estou dizendo viajaremos' num é algo que possa acontecer não eu estou dizendo viajaremos é algo certo' então o modo indicativo ele in-di-ca uma''

A2: Certeza

P: Certeza expressa uma certeza denota uma certeza do falante' e o subjuntivo''

Constituído pelas formas verbais que exprimem atitudes de hipóteses [suposição] ou dúvida

A2:

P: o subjuntivo é dúvida a palavra chave é dúvida' ou uma hipótese' o que é uma hipótese é algo que pode acontecer no '' então o subjuntivo vai expressar uma dúvida uma incerteza uma hipótese aí vocês tem aí oh' se você estiver aqui poderá nos ajudar' se você estiver

A2: qual é o verbo'' esteve (+)

A1: estiver

P: e está expressando o que aí''

A 1,2 3: [[uma dúvida

P: uma dúvida que pode ou não acontecer

P: o subjuntivo sempre vem acompanhado do (se) que expressa o que uma dúvida uma hipótese algo que pode ou não acontecer' algo duvidoso que o falante' exemplou se você estudasse tiraria boas notas

A2: se num é mais num estuda'

P: O imperativo faz desse modo as que exprimem ordem' pedido' conselho ou convite' essa é a mais fácil que eu considero por que é aqueles verbos que expressam o tipo de ordem' pedido conselho' se eu falo assim saia da sala (tom de elevador) está expressando o que''

A 1,2,3: [[uma ordem

P:

P: se eu digo levantem(tom elevador) pedido

A1,2:[[pedido

P: o modo imperativo aí indica uma ordem , um pedido ou um conselho' ou convite né' se eu digo assim uma pessoa tá na sua casa né' ela tá na porta né diz entre diz entre' é uma ordem' não é um convite eu estou convidando ela pra entrar'

A2: mais se a pessoa num for muito prazerosa você diz saia (+)

P: aí seria um convite azarado Pronto' então aqui nós temos os modos verbais num é' nós temos três o indicativo' o subjuntivo' e o imperativo' lembram que ontem a gente viu três conjugações rando(+)' vai lembrando ar, er e ir e que o verbo se flexiona em número pessoa'

quais são as pessoas” eu’ tu’ você’ ele’ nós’ vós’ voçeis e eles’ e ele varia em numero o que é o número”

A2: feminino

P: aí é gênero’ e o número é o que”

A3: singular

P: singular e”

A2: plural

P: que vai ter as pessoas do discurso no singular e no plural’ certo” pode prosseguir

A1, 2,3: [[pode

P: formas nominais’ as formas nominais como diz aí oh’ e o verbo apresenta inúmeras formas que constituem seus diferente tempos e ixpõe também de três formas particulares denominadas formas nominais qui são elas o infinitivo’ o gerúndio e o particípio’ certo gente’ aí o que é o gerúndio o infinitivo e o particípio” o infinitivo é denominado assim como o nome do verbo’ se eu digo assim eu istou estudando pra a prova quais são os verbus que se encontram aí

A2: istou e estudando’

P; qual é o nome do verbu istudando” istudar’

A1: istudar

P: o infinitivo é o chamado nome do verbu’ o verbo istudando’ estudar’ falando/

A2: falar

P: caracteriza pela terminação r’, porque as terminações terminam em ar er e ir, mas o infinitivo em r por exemplo eu tenho vender termina em queê”

A2 : er ou r

P: é o infinitivo em r’ cantar”

A2 : r

P: partir”

A3: r

P: nele não istá demarcando o tempo o que é tempo nóis vimus o tempo’ presente passado e futuro’

A2: nóis vimu isso aí ontem

P: para aí no infinitvo’ e o gerúndio é o que termina em ndo é comumente diz assim inspressa uma ação que acontece continua acontecendo’/.../

Vender o gerúndio ficaria o que”

A1: vendendo

P: partir

A3: partido

P: Cantar

A2: cantando

P: eles terminaram em quê em' [ndo] ntão é o gerundio'

A2:

/.../

P: e o particípio'' ele termina em quê olhem aí'' tá lá no livro de vocês' Caracteriza pela terminação ado ou ido num é'' e vamos dizer assim que é um verbo da outra conjugação da segunda e terceira conjugação/.../

O verbo vender ele é qual conjugação terminado em er''

A1: da segunda conjugação

P: muito bem' intão voceis vejam aí que os verbos da segunda e da terceira conjugação eles não terminam em ado terminam em ido oh' vendido e partir é de qual comjugação''

A1,2: [[primeira(+)] terceira

P: terceira' intão também o particípio termina em ido' e cantar é de qual conjugação.

A1: ar

P: e ar é de qual conjugação

A2: primeira conjugação

P: e os de primeira conjugação o particípio termina em ado fica cantado' portanto verbos de segunda e terceira conjugação terminam em ido e os de primeira em ado e ixprimem o resutaldo da conclusão do processo verbal.

/.../

P: nós vimos os modos quais são' indicativo, subjuntivo, imperativos' e agora os tempos verbais' quais são''

A1: passado presente e futuro'

P: pronto o passado o que é''

A2: uma coisa que passou

A1: um algo que já aconteceu

P: é o tempo anterior ao presente né' antes é o que aconteceu ontem, há 5min há 1s já é passado' e o presente o que é''

A1: é o qui tá acontecendo agora

A2: o que tá acontecendo

P: é o momento agora, o momento da fala da iscrita de agora' e o futuro''

A1: vai acontecer

A2, 4: é o que [vai acontecer]

P: é o que ainda irá acon-/

A3: acontecer

P: é o momento posterior ao momento da fala e da iscrita vem depois'

P: tempo verbal oh' passado presente e futuro'o passado anterior ao memento da fala ou da iscrita é antes do momento agora e o futuro é algo que irá acontecer posterior ao momento da fala por exemplo o recreio é algo que irá acontecer presente o momento agora' Nós tempos três tempos verbais qui esses outros tempos vão se desmembrar'até agora tudo bem'' essa divisão geral do tempo dá origem aos três tempos verbais básicos passado ou pretérito viu o passado também chamado de preteritu o presente e futuro/

A2: dá mais tempo não professor falta um minunto

P: veja por exemplu os tempus iexpressos pelas formas verbais feitos na sugestiva troca de mensagens entre os dois personagens deste cartum'

A2: pretérito perfeito' imperfeito é assim''

P: é' olhe aí ' chegarei em alguns minutos' (+) olha aí esse cartum (+) a pessoa né dirigindo e diz assim oh' chegarei em alguns minutos' aí e o que é qui a morte diz'' eu sei/

A2: istou aguardando' ele nu celular num tá nem vendo que istá num/.../ vendo quem istá o aguardando.

Chegarei é presente passado ou futuro

A2: futuro

P: o momento agora é futuro eu chegarei em casa 4:30' chegarei né' C:

A1: presente

P: istou aguardando né' aguardando qual é a forma nominal'' infinitivo gerúndio ou participípio''

A2: participípio ou presente

P: aguar -dan- do terminou em quê''

A2: n- d- o

P: é uma ação que acontece e continua acontecendo é o quê''

A2: gerúndio

P: as formas nominais du verbu são três gente não isqueçam infinitivo gerúndio e participo

em tá bom'

A3: é que parece cum o verbu dentro du

P: vamu aqui oh (bate no quadro pra chamar a atenção)

Vamus mininas nos incerra já daqui a pouquinho vem o recreio (+) o tempo não tem subdivisões o pretérito subdividi-se em pretérito perfeito imperfeito e mais que perfeito e o futuro por sua vez tem duas divisões futuro do presente e futuro do preterito 'é muita coisa gente mais aí é como eu disse a gente para um pouquinho qui eu tô fazendo desse jeitim com a turma da noite para um pouco faz a atividade aí a gente corrigi' aí tudo bem entenderam" porque se for muita informação ao mesmo tempo aí complica aí a gente vai aos poucos pra poder ir ganhando mais aprendizado o qui cês acham pode ser assim"

A1, 2, 3: [[pode'

Agora a gente vai fazer a atividade 1 e 2 só pur que essas duas questões tem a ver com o qui a gente istodou até agora

A2: não precisa copiar a questão não"

P: copia só o enunciado da questão vamu lá'

A1: /.../ faz a í a pergunta professor ele num disse qui já terminou a pergunta

P: pois pronto venha responder aqui nu quadro com seus colega

A2: perai deixa eu pensar um pouquinho pra responder ah meu Deus gatona

Observação: ESTUDO E USO DOS VERBOS

Aula 03: O radical e os tipos de verbos

Data: 19/05/2017 Duração da aula: 42 min 54s

P: paramus no verbu principal e nu verbu auxiliar num é qui forma a locução verbal' o verbu auxiliar ele ixprime a certa da ocorrência do fato verbal ixpresso e verbu principal ele insprime o fato principal (+)

A1: qui pagina é professora”

P: 213 (+) se eu digo assim oh' a istação espacial irá facilitar as futuras viagens espaciais (+) ondi é qui istá o verbu aí a locução verbal a junção de dois vebus”

A1: irá facilitar

P: irá facilitar desses dois aqui irá facilitar qual vocês acham que é o verbu” principal” aquele que ixprime o fato verbal a principal informação” É irá ou facilitar”

A2: facilitar

P: facilitar pelo sentido o verbu principal vai ser facilitar□

A1: Porque é ele qui dá o sentido,porque não faz sentido dizer a istação espacial irá as futuras viagens espaciais

P: vai ficar sem sentido num é' facilitar concentra a informação principal do fatu verbal e o verbu auxiliar" (+) e Irá” ixpressa o quê” Vamu minha gente

A3: tempu((a professora não ouviu))

A 2: ele ta sentindo o quê”

P: ele ixpressa o quê”

A 2: ele indica a ação

P: ele expressa que o fato verbal vai [acontecer vai ter a certeza de acontecer.) /.../ intão a locução verbal é o que” a junção de dois verbus onde um é classificado como o verbu auxiliar que é aquele que vai expressar a certeza de ocorrência do fatu como irá aqui' e facilitar concentra a ação principal do fato verbal que é facilitar e agora a classificação do verbo quanto a flexão o quê flexão” eh gente/.../

A2: Variação

P: Variação' e quanto a variação como é qui o verbu se classifica” num é' e variação de que nu RADICAL du verbu' o que é o radical” vocês aprenderam lá nu primeiro ano o conceitu de radical/.../ quanto a variação do radical alguém lebra o qui é um radical”

A2: radical é a parte que / pera ai deixa eu me lembrar

P: alguém pode complementar a o que o aluno istá dizendo”é a parte qui não muda é a parte invariável da palavra por exemplo eu vou dar um exemplu aqui com um substantivo eu tenho menino dê um palavra derivada de menino

A2: menina

P: menina num é o feminino

A2: menininho

P: meninada olhe aqui até onde a palavra se torna invariável

A2: até o segudo N

P: até o segundo N intão menin essa parte que não muda é denominado radical gente presta atenção a atividade é semana qui vem qui a gente vai revisar tudo que istá vendo aqui

A2: radical é a parte qui não muda

P: pronto é a parte qui não muda da palavra é a parte invariável professora é so di nome qui tem a parte qui não muda' não o verbu também que é a palavra qui vai ixpressar istado ou fenômeno da natureza tem também aquela parte qui não muda e essa parte é chamada de radical e quando essa parte varia aí ele vai receber determinada classificação du verbu o verbu regular o qui é uma coisa regular(+) qui acontece regularmente olha ao ser conjugado não sofre alteração no radical viver

Eu vivo tem aí nu livro de vocês

A2: eu vivo tu vives ele vive

P: Eu vivia

A2: Aí é passado

P:

A2:

Não tô dando só um exemplo /.../ Oh vivo vivia é até a onde o radical v- i- v porque é a parte que não muda /.../ Então os verbus regulares são aqueles em que o radical permanece em todas as conjugações é regular andar eu ando tu andas ele anda nós andamos vós andais eles [andam] é um radical que permanece o mesmo então esse verbu é regular'e os verbus irregulares é aqueles em que vai mudando o radical por exemplo o verbu fazer eu faço, ele'' (+) nós'' (+) eles''(+)

A2: ela já muda ele faz nós fazemos eles fazem

P: vejam aí oh' o radical é o mesmo em todas as ocorrências do verbu fazer''

A2: é

P: é'' faço é''

A2: não

P: olhem aí no livro de vocês faço' fará' fizesse' eu digo assim oh' ele fará a prova, fa::rá olha a diferencia para as demais ocorrências termina em r-a fará pra fa-z-er' fizesse olha aí quando ele fizesse a prova tiraria boa nota' olha a mudança no radical então quando há/ vocês percebam que nem nessa ocorrência aqui do verbo viver que é um verbo regular

A2: regular não muda regular muda

P: o radical vai acontecendo a ocorrência dele é regular regularmente vai acontecendo em todas as forma da mesma forma e o irregular não ele vai mudando de acordo com a ocorrência dos modos verbais e dos tempos verbais ele vai mudando vejam a mudança do radical do verbu fazer aqui é ç' aqui é r' aqui é z' então já tem uma mudança intão é chamado de verbu irregular o verbo defectivo não tem determinadas formas em alguns de seus tempos que quando nós formos vê nos próximos capítulos qui tem os tempos nos modos verbais n's vamos vê que em determinadas ocorrências n futuro do presente no futuro do preterito em algumas ocorrências que vai ter só assim oh' uma estrelinha lá no lugar da pessoa gramatical por que aquela pessoa não existe a conjugação para aquele verbu como o exemplo qui tem aí no livro oh falir o verbu falir o que è falir''

A2: fica sem dinheiro quebrou

P: você quebrou perdeu tudo decretou falência aí fali eu''

A2: fali

A3: falo

P: é eu falo”

A2:

A1: [[fali

P: Não mais se eu disse assim eu falo existe esta forma no falir

A2: não

A3: eu entrei em falência né”

P: não se eu digo eu falo já é outro verbu num é não/

A: já é outro sentido

P: qual é o verbo”

A2: falar

P: de falar. Não existe eu falo de falir

/.../ então o verbo defectivo que não tem a ocorrência todos os modos e tempos verbais.

P: o abundante lê aí pur favor

A2: apresenta duas formas de mesmo valor geralmente dois participios

P: voceis lembram do participio como é’ o verbo falar por exemplo infinitivo falar, o gerúndio falando e o participio falado. O infinitivo é o próprio verbo que termina nas conjugações as conjugações terminam em que” a primeira

A2: AR

P: a segunda

A1: ER

P: e a terceira

A2: IR

P: esse verbo é de que conjugação primeira conjugação, então o infinitivo vai apresentar as três conjugações do verbo é o próprio verbo, e o gerúndio é uma ação que acontece e continua acontecendo termina em ndo certo”

A1: certo

P: e participio ele tem duas formas do participio aqueles que tem primeira conjugação que termina em ado num é o falar no é de primeira conjugação falado se fosse vender vem-di-do oh o vender num é de segunda conjugação aí como era que ficaria o particio

A2: vendido

P: vendido oh terminou em ido diferente desse ado termina em ido que é o de segunda e terceira conjugação então os abundantes são aqueles que apresentam duas formas de mesmo valor ou seja dois participios o ado termina em ado e em ido olha aí oh acertar fica o que “

A1: aceitado

P: ou

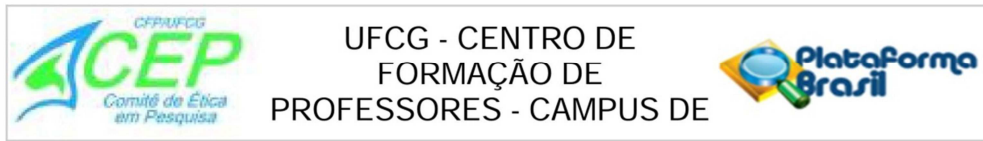
A1,A2: aceito

P: tenho dois participios aí aceitado e aceito (+) /.../ o participio é a conclusão do fato verbal aceitado aceito (+) /.../

Entendido aí regulares irregulares aqui nos exemplos oh os verbos defectivos lembram que ele não ocorre em todos os tempos e modos verbais e o abundando-te é aquele que tem duas formas do participio.

(atividade do livro copiar e resolver)

ANEXO – B PARECER CONSUBSTANCIADO



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: GRAMÁTICA E ENSINO: REFLEXÕES SOBRE O USO E O ESTUDO DOS VERBOS

Pesquisador: MARIA NAZARETH DE LIMA ARRAIS

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 66663417.1.0000.5575

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.011.358

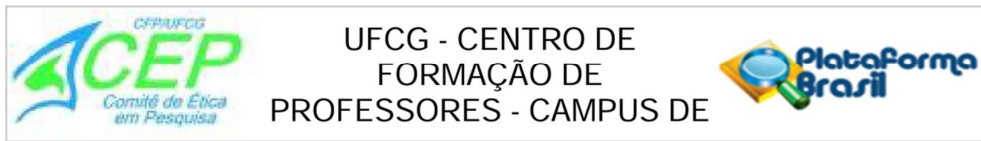
Apresentação do Projeto:

O projeto versa sobre a forma de abordagem de verbos no 2º ano do Ensino Médio e adotará a pesquisa de abordagem qualitativa, com uso de ficha de observação, a qual para avaliar se o professor aplica os critérios estabelecidos por Mattoso, seguindo os conceitos de forma, função e sentido. Aliada a ficha, tem-se a técnica de observação, momento este em que o pesquisador estará em contato direto com os alunos e professor. Os critérios de análise são os postulados na ficha de observação e como categorias de análise, temos forma, função e sentido.

Assim, a pesquisa seguirá os seguintes passos:

- Estudo bibliográfico sobre as teorias da leitura e sobre o estudo dos verbos na perspectiva de Mattoso.
- Elaboração de uma ficha de observação estruturada nas três dimensões de ensino do verbo, forma função e sentido seguindo as sugestões de Mattoso.
- Requerer do estabelecimento de ensino a autorização assinada pelos responsáveis da escola, bem como consentimento livre e esclarecido assinado pelos colaboradores.
- Acompanhamento das aulas para a extração do corpus da pesquisa
- Análise dos dados levantados numa perspectiva qualitativa.

Endereço: Rua Sérgio Moreira de Figueiredo, s/n
Bairro: Casas Populares **CEP:** 58.900-000
UF: PB **Município:** CAJAZEIRAS
Telefone: (83)3532-2075 **E-mail:** cep@cfp.ufcg.edu.br



Continuação do Parecer: 2.011.358

Objetivo da Pesquisa:

Analisar a abordagem dos verbos em aulas do 2º ano do Ensino Médio em comparação com a abordagem teórica estruturalista e com o uso espontâneo

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos envolvidos na participação são: desconforto pelo fato da pesquisa exigir registro de gravação da aula, ou constrangimento pela simples presença de uma pessoa para observar as aulas. Para que não haja desconforto ou constrangimento, os participantes não serão identificados pelos seus nomes, mas por nomes fictícios. Além disso, os critérios de observação não exigirão mudanças na forma de ensino e aprendizagem desenvolvida pelo professor.

Os benefícios da pesquisa serão: aumento de conhecimentos que contribuirá para uma melhor compreensão do estudo do verbo e proporcionará uma prática pedagógica mais significativa em sala de aula, no que se refere ao estudo do verbo.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa tem seu valor para o ensino.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Apresenta todos os termos necessários para cumprimento da exigência da Resolução 466/12.

Recomendações:

Sem recomendações

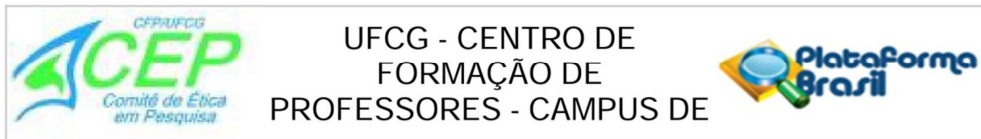
Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Atendeu a todas exigências do CEP.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_884205.pdf	04/04/2017 13:11:05		Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Autorizacao.pdf	04/04/2017 13:10:49	MARIA NAZARETH DE LIMA ARRAIS	Aceito
Folha de Rosto	Folhaderostof.pdf	22/03/2017 09:42:22	MARIA NAZARETH DE LIMA ARRAIS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETODEPESQUISAf.docx	22/03/2017 09:30:20	MARIA NAZARETH DE LIMA ARRAIS	Aceito
TCLE / Termos de	TERMOLIVREEESCLARECIDOf.docx	20/03/2017	MARIA NAZARETH	Aceito

Endereço: Rua Sérgio Moreira de Figueiredo, s/n
Bairro: Casas Populares **CEP:** 58.900-000
UF: PB **Município:** CAJAZEIRAS
Telefone: (83)3532-2075 **E-mail:** cep@cfp.ufcg.edu.br



Continuação do Parecer: 2.011.358

Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMOLIVREEESCLARECIDOf.docx	14:31:35	DE LIMA ARRAIS	Aceito
--	------------------------------	----------	----------------	--------

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CAJAZEIRAS, 11 de Abril de 2017

Assinado por:
Paulo Roberto de Medeiros
(Coordenador)

Endereço: Rua Sérgio Moreira de Figueiredo, s/n
Bairro: Casas Populares **CEP:** 58.900-000
UF: PB **Município:** CAJAZEIRAS
Telefone: (83)3532-2075 **E-mail:** cep@cfp.ufcg.edu.br